



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**CLAUDIANA DUARTE DA SILVA**  
**FABIANE ANDRADE DA SILVA PINTO**  
**MARIA SUELEN BERNARDO DE SOUZA**

**CAMINHOS DA LEITURA:**  
**TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

JOÃO PESSOA

2016

**CLAUDIANA DUARTE DA SILVA**  
**FABIANE ANDRADE DA SILVA PINTO**  
**MARIA SUELEN BERNARDO DE SOUZA**

**CAMINHOS DA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba- UFPB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira**

JOÃO PESSOA  
2016

S586c Silva, Claudiana Duarte da.

Caminhos da leitura: teoria e prática na formação de leitores /  
Claudiana Duarte da Silva, Fabiane Andrade da Silva Pinto, Maria  
Suelen Bernardo de Souza.– João Pessoa: UFPB,2016.  
116f. ; il.

Orientadora: Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
UFPB/CE

1. Leitores - formação. 2. Ensino fundamental. 3. Leitura - prazer.  
I. Pinto, Fabiane Andrade da Silva. II. Souza, Maria Suelen  
Bernardo de. III. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 028(043.2)

CLAUDIANA DUARTE DA SILVA  
FABIANE ANDRADE DA SILVA PINTO  
MARIA SUELEN BERNARDO DE SOUZA

***CAMINHOS DA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba- UFPB,  
como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Maria Claurênia Azevedo de Andrade Silveira

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Claurênia A. de Andrade Silveira  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Erenilza Pereira  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Isolda Ayres Viana Ramos  
Examinadora

João Pessoa, 23 de novembro de 2016.

## DEDICATÓRIA

A Deus, em primeiro lugar, por nos ajudar na realização de mais um sonho.

A todos os professores que trabalham propiciando e incentivando a leitura em nosso país, mesmo que árdua seja esta missão. A todos os escritores de literatura infantil e juvenil, por nos encantarem com suas fábulas e histórias que preenchem o imaginário, dando asas à fantasia, transformando assim a leitura em um momento mágico e prazeroso. Enfim a todos que, de forma direta ou indireta, contribuem para a formação de leitores assíduos em nossa esfera educacional.

## AGRADECIMENTOS DE CLAUDIANA

Ao concluir esse trabalho, agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado saúde, sabedoria e força para superar todas as dificuldades vivenciadas no decorrer do curso.

Agradeço aos meus pais, Adriana Maria Duarte e Edvaldo Ramos da Silva, e aos meus irmãos, Claudiely Duarte da Silva, e Claudialino José Duarte da Silva (in memoriam).

A todos os professores, que me incentivaram a buscar os conhecimentos científicos, ou seja, saberes teóricos e práticos que embasaram minha formação profissional.

A todos que direta ou indiretamente têm feito parte do meu processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional.

Obrigada a todos!

**Claudiana Duarte da Silva**

## AGRADECIMENTOS DE FABIANE

Ao meu Elohim A-do- nai, que me criou e deu vida, dotou-me de conhecimento, força e sabedoria e colocou em meu caminho, pessoas especiais, para me acompanhar e auxiliar. Eu só posso dizer: “Grandes coisas fez o Senhor por nós, pelas quais estamos alegres.” (Salmos 126:3).

Aos meus amados pais, Francisco Miguel e Geni Andrade, que jamais esmoreceram em sua labuta constante, para me ver chegar até aqui. Minha eterna gratidão e dívida ao seu apoio, preces e constante esforços. Mestres da arte de viver, me ensinaram a resiliência de nunca desistir e tão pouco abaixar a cabeça em meio à adversidade. Meu reconhecimento e amor não caberia aqui.

Ao meu amado filho, Gabriel Andrade, herança da minha vida, você sem dúvida foi meu maior incentivador nestes anos de estudos e pesquisas, a realização deste trabalho, a minha inspiração para a escolha deste tema, tem sua influência. Agradeço-te, pois com companheirismo e compreensão esteve comigo, e quando não, suportou minhas ausências.

Ao meu amado, Pablo Curvello, pela presença, cumplicidade, palavras de ânimo e incentivo, por compreender a importância do estudo em minha vida, e mesmo nos momentos mais difíceis ter sido meu porto seguro, alicerce que me apoiou, você foi a base para que eu alcançasse esta conquista.

A todos os meus familiares, grandes incentivadores, pelo apoio, cooperação e constantes incentivos de ânimo durante a caminhada.

Às minhas amigas, Claudiana Duarte e Maria Suelen, com as quais muito aprendi nestes anos de graduação, por terem me ensinado e permanecerem ao meu lado. Passamos momentos difíceis, mas vencemos. Este trabalho de conclusão de curso é prova disto.

A todos os professores do curso com quem tive o privilégio de conviver e aprender, de modo muito carinhoso à professora Maria Claurênia, grande professora e incentivadora da leitura e literatura, primeiramente, por aceitar nos orientar – de perto e de longe - mas também por cada sugestão feita ao longo destes meses, por ser, de fato, a orientadora deste trabalho, que nos apoiou durante todo processo de sua composição, sendo um exemplo de mestre a ser seguido. Obrigada por me mostrar o que afirma Sírio Possenti, que “a leitura é um trabalho para toda vida”.

À professora entrevistada, pela disposição em colaborar com este trabalho. A todos os professores(as) que exercem sua prática. Enfim, a todos e todas que exercem, de forma comprometida, a prática docente e que, de alguma forma, estão presentes nestas linhas e páginas.

**Fabiane Andrade da Silva Pinto**

## AGRADECIMENTOS DE SUELEN

A Deus pela vida que me concedeu, pois sem ele nada seria possível.

À minha mãe, Maria Bernardo (In memorian), pelo amor, motivação, dedicação, carinho e ensinamentos, os quais me tornaram a pessoa que sou hoje.

Aos meus familiares, pelo incentivo, em especial aos meus tios Luís Bernardo e João Batista.

A todos os professores que passaram por minha vida de estudante, professores da minha vida escolar, do cursinho pré-vestibular, e acadêmica, que me fizeram optar por esta profissão, pois eles ensinaram muito mais do que os conhecimentos sistematizados, me ensinaram a amar a profissão docente. Docentes que serviram de espelho para minha formação, a formação do eu (profissional) que como em um dos aspectos da teoria de Wallon (o eu e o outro) precisou do outro, ou seja, o eu (profissional docente) foi construído através do outro (professor).

Aos meus amigos e colegas que de forma direta ou indireta me ajudaram nessa minha caminhada na aquisição dos conhecimentos, em especial Claudiana Duarte e Fabiane Andrade. Juntas superamos todas as dificuldades da vida acadêmica, e juntas chegamos à vitória (nossa formação).

Enfim, a todas as pessoas que me motivaram e participaram da realização deste trabalho.

Muito Obrigada!

**Maria Suelen Bernardo de Souza**

“As crianças não aprendem simplesmente porque veem os outros ler e escrever e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque veem letras escritas e sim porque se propõem a compreender porque essas marcas gráficas são diferentes de outras. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel à disposição, e sim porque buscam compreender o que é que se pode obter com esses instrumentos. Em resumo: não aprendem simplesmente porque vêem e escutam, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente o que o meio lhe oferece”.

(FERREIRO, s/d apud RUSSO, 2001, p. 26).

## RESUMO

No contexto atual da Educação do Ensino Fundamental, a preocupação com o desenvolvimento e prática da leitura e da escrita ainda é um tema gerador de debates e apreensões. Sabe-se que, neste nível do ensino, os alunos devem estar aptos a ler e escrever, segundo o que orientam documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (PCNs) sobre a formação de leitores na escola. Neste sentido, os(as) professores(as) dos anos iniciais do ensino fundamental aparecem como figuras-chave no incentivo à leitura, à seleção de textos a serem apresentados a seus alunos. Todavia, não podemos atribuir somente à escola e aos professores a responsabilidade de formar um leitor assíduo, que goste e se encante pelo ato de ler e que institua uma relação de entendimento com a leitura do texto. Mediante tais considerações e cientes do papel que a escola e os profissionais envolvidos na área da educação têm na formação leitora de seus educandos, empreendemos este trabalho intitulado de “Caminhos da Leitura: teoria e prática na formação de leitores”, em uma sala de aula do 5º ano de uma escola pública da rede municipal de João Pessoa, que teve como objetivo analisar as propostas teórica e prática utilizadas por uma professora para a formação de leitores na escola. Para tanto, o percurso metodológico utilizado constou de entrevista semiestruturada, como também de observação da escola campo de pesquisa e diálogos com a educadora, com o intuito de compreender a concepção de leitura, observando as práticas leitoras presentes no discurso e no cotidiano da sala de aula da educadora que leciona na série pesquisada. Buscou-se também levantar informações sobre a biblioteca da escola, os recursos utilizados no trabalho com a leitura. Integrado ao trabalho da professora, foram realizadas atividades pedagógicas planejadas num contexto dialógico, enfocando a leitura de variados textos literários, com o objetivo de fomentar nos alunos o prazer de ler, utilizando uma forma mais interessante de motivar a leitura, diferente das formas tradicionais às quais os alunos estão sempre sendo expostos. Esta pesquisa fundamenta-se em pressupostos teóricos de Solé (1998), Martins (2003), Soares (2010), Russo (2001), e outros estudiosos dos processos de leitura. Após a análise de dados coletados e observações realizadas, percebeu-se que a leitura proposta aos alunos pesquisados ainda se desenvolve na concepção da leitura-decifração e não na leitura compreensão. O trabalho que se acredita ser de incentivo ao hábito de ler restringe-se à leitura dos livros didáticos, ou seja, leitura apenas para informação e não para fruição literária, visando hábitos leitores, de maneira prazerosa.

**Palavras chave:** Formação de leitores. Ensino Fundamental. Prazer de ler.

## ABSTRACT

In the current context of Elementary School Education, the concern with the development and practice of reading and writing is still a topic that generates debates and apprehensions. It is known that, at this level of teaching, students should be able to read and write, according to which they guide official documents such as the National Curriculum Parameters: Portuguese Language (PCNs) about the formation of readers in the school. In this sense, the teachers of the initial years of elementary school appear as key figures in encouraging reading, the selection of texts to be presented to their students. However, we can not only attribute to school and teachers the responsibility of forming a regular reader, who likes and delights in reading and establishes a relationship of understanding with the reading of the text. Through these considerations and aware of the role that the school and the professionals involved in the field of education have in the reading training of its students, we undertake this work titled "Reading Paths: theory and practice in the formation of readers" in a classroom Of the 5th year of a public school of the municipal network of João Pessoa, whose objective was to analyze the theoretical and practical proposals used by a teacher for the formation of readers in the school. In order to do so, the methodology used consisted of semi-structured interview, as well as observation of the school field of research and dialogues with the educator, with the intention of understanding the conception of reading, observing the reader practices present in the discourse and in the daily life of the room. Class of the educator who teaches in the series researched. It was also sought to gather information about the school library, the resources used in the work with reading. Integrated with the teacher's work, pedagogical activities were planned in a dialogical context, focusing on the reading of various literary texts, with the aim of encouraging the students to enjoy reading, using a more interesting way of motivating reading, different from traditional forms Which students are always being exposed. This research is based on the theoretical assumptions of Solé (1998), Martins (2003), Soares (2010), Russo (2001), and other students of reading processes. After analyzing collected data and observations, it was noticed that the reading proposed to the students studied still develops in the conception of reading-deciphering and not in reading comprehension. The work believed to be an incentive to the habit of reading is restricted to the reading of textbooks, that is, reading only for information and not for literary enjoyment, aiming at reading habits, in a pleasurable way.

**Key words:** Formation of readers. Elementary School. Nice to read.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO ACERCA DA LEITURA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Herança cultural.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1.1 A identidade do gênero literário infantil no Brasil.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 A prática de leitura na escola.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 O papel do professor no incentivo a leitura.....</b>	<b>24</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Os PCNs, leitura e a formação de leitores .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Leitura na perspectiva do letramento.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 O ato de ler.....</b>	<b>34</b>
<b>4 SOBRE A PRÁTICA DESENVOLVIDA: PESQUISA, PROJETO DE LEITURA.....</b>	<b>38</b>
<b>4.1 Diálogos com a professora: Refletindo sobre a leitura.....</b>	<b>40</b>
<b>4.2 Práticas de leitura desenvolvida no 5º ano: Mediando a leitura.....</b>	<b>45</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>61</b>
<b>Roteiro.....</b>	<b>62</b>
<b>Fotos.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO 4.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO 5.....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que há muitos séculos a leitura é uma das principais atividades realizadas pela humanidade, em diferentes idiomas e com objetivos variados. A leitura é indispensável para a o indivíduo constituir-se como pessoa. Ler é fonte de formação, informação e prazer estético, principalmente no mundo globalizado em que vivemos. Para além das análises que podem ser feitas em torno da temática da leitura, é fácil observarmos que esse tema ainda é muito recorrente, visto que se faz necessário melhorar o ensino da leitura nas escolas do país. Com as novas exigências educacionais, que primam por uma formação de educandos que possam realizar sua leitura de mundo, como preconizou Paulo Freire, pode-se afirmar com segurança que não basta a leitura mecânica ensinada nas escolas. É preciso uma leitura pautada no letramento, que pode proporcionar aos alunos uma aprendizagem eficiente e a apropriação da leitura e da escrita. É necessário desconstruir o olhar mecânico e automatizado desenvolvido pelas escolas que visam apenas se deter nos aspectos gramaticais e didáticos do ensino. Vale ressaltar que esse aspecto é também de suma importância, porém não cabe, em pleno século XXI, conceber um ensino reducionista voltado só para fins curriculares e pragmáticos. Assim,

[...] não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas[...]

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato (BRASIL, 1997, p. 57).

Estamos vivenciando inúmeras transformações e mudanças nos mais diversos planos, sejam eles sociais, econômicos, políticos e culturais. Portanto, a leitura, na atualidade, não deve ser mais concebida como um ato de decodificar palavras. Ela tem antes a função socializadora, já que “o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 23). Em Freire (1984 apud MARTINS, 1998, p.8) nos deparamos com a leitura da palavra intrinsecamente ligada a uma leitura anterior, de observação e compreensão do próprio mundo em que o leitor se insere. Desse modo,

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para

vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres ( MARTINS, 2003, p. 22).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e esta por sua vez, “implica a continuidade da leitura daquele”. A partir desta ideia de Freire (1985, 9), percebe-se que a leitura se inicia no conhecimento prévio que o leitor traz consigo, que são acionados durante o ato da leitura da palavra escrita, ou sob a forma de diferentes suportes textuais, de diversos gêneros. É preciso compreender o mundo à sua volta para decifrar, compreender o mundo letrado.

[...] um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 23).

Podemos destacar também a importância da motivação, para que a leitura aconteça na vida de uma pessoa, buscando compreender o que significa, qual a importância que a leitura tem na sua vida como ser humano. Quando esse objetivo é alcançado, e uma vez tendo experimentado e adquirido o gosto pela leitura, sabendo das consequências positivas deste hábito, o caminho inverso é quase irreversível, ou seja, uma vez o aluno posto no caminho da leitura, dificilmente retornará à inércia do não ler (da falta de leitura). Ao contrário o educando, terá consigo de forma consciente a libertação das correntes de uma sociedade que exclui, limita e aliena as pessoas. “[...] eu diria que ler é, [...] possuir elementos de combate à alienação e ignorância” (SILVA, 1986, p.49). Assim compreende-se a leitura como ferramenta de criticidade da realidade que envolve o leitor, uma leitura emancipadora que auxilia o indivíduo a atingir plenamente sua dignidade e cidadania como ser social que é. “Temos, então, mais um motivo para ampliar a noção de leitura. Vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência” (MARTINS, 2003, p. 29).

Cientes da importância da leitura e da sua presença no meio escolar, nos interessamos em conhecer melhor a presença da prática leitora na escola, nos determinamos a desenvolver o nosso trabalho de conclusão de curso, este TCC, intitulado de “ Caminhos da leitura: teoria e prática na formação de leitores,” voltado para essa temática, mais especificamente, o ensino da leitura em um determinado ano do Ensino Fundamental. A proposta deste trabalho de conclusão de curso surgiu a partir dos estudos dirigidos e debates realizados ao longo do Curso de Pedagogia, quando se percebeu a dificuldade que

muitos graduandos apresentavam em relação à leitura, o que era de se admirar visto o nível acadêmico em que nos encontrávamos, com isso surge a ideia de retornarmos nosso olhar para o ensino ofertado nas escolas da rede pública, tal observação se deu nos estágios realizados durante o curso, visto então a necessidade observada na escola em relação ao déficit da leitura e escrita dos alunos do 5º ano do ensino fundamental. Daí surgiu a problemática a ser respondida, apresentando o problema de pesquisa: Quais as propostas teórica e prática utilizadas pelos professores para formação de leitores na escola?

Sabendo que a leitura é uma prática que se faz necessária para o desenvolvimento de leitores, o que nos motivou a realizar tal pesquisa acerca dessa temática, foram as observações realizadas durante o andamento de vários estágios realizados, mesmo que o objetivo não fosse diretamente observar a leitura, essa temática acaba por permear nossas observações, pois a leitura perpassa por todas as áreas do conhecimento. Isto nos levou a perceber as dificuldades dos alunos do 5º ano em ler, escrever e interpretar textos, tendo em vista que nesta fase do ensino os mesmo já deveriam estar aptos a desenvolver com aptidão tais habilidades, como nos apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, uma vez que,

[...] cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1997, p. 23).

Neste sentido, a escola deve ser a principal mediadora do conhecimento das letras, por meio de leituras de variados gêneros literários, porém o que ainda vemos com frequência são práticas de leitura que não coincidem para uma formação leitora, já que os alunos ficam presos, a leituras conteudistas, e leem por causa das atividades que tem que realizar, dando assim a leitura um caráter mecânico e pragmático. Martins (2003, p. 23) refletindo sobre prática de leitura que se desejam superadas, registra que

E o aprendizado se baseava em disciplina rígida, por meio de método analítico caracterizado pelo progresso passo a passo: primeiro, decorar o alfabeto; depois, soletrar, por fim, decodificar palavras isoladas frases, até chegar a textos contínuos. O mesmo método sendo aplicado para a escrita.

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender ler se resume à decoreba de signos linguísticos [...].

E para discorrer sobre a temática da leitura, abordamos pressupostos teóricos de estudiosos como Isabel Solé, Maria Helena Martins, Magda Soares, Maria de Fátima Russo, Paulo Freire, Ezequiel Theodoro Silva, Regina Zilberman, Marisa, e o referencial básico, ou seja, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, entre outros. Como percurso metodológico, utilizamos uma pesquisa qualitativa, baseada em observações e entrevista semiestrutura, como instrumento de coleta de dados. Como forma de registro de nossas observações utilizamos o diário de bordo.

Assim, com as barreiras que ainda encontramos nas escolas em formar educandos leitores, o principal objetivo de nossa pesquisa foi analisar as propostas teórica e prática utilizada pelos professores para a formação de leitores na escola, em que tomamos como amostra uma sala do 5º ano do ensino fundamental de uma escola de rede pública de João Pessoa. Assim, procuramos identificar a prática desenvolvida pela professora da respectiva sala para a promoção da formação de leitores. Como também, verificar se estas propostas estão promovendo a formação de educandos leitores. Além de relacionar com as propostas indicadas pelos PCNs e estudiosos acerca da leitura.

Partindo desse pressuposto, buscamos colocar em prática a ideia de trabalhar com leituras infanto-juvenis, através de um projeto de leitura que envolvesse o 5º ano, no período do estágio que estávamos realizando. Dessa forma, atraímos a atenção dos educandos através de uma proposta criativa e divertida que envolvesse a leitura e a escrita dos alunos, desenvolvendo assim o gosto pela leitura, desconstruindo a visão limitada e tediosa que envolvia a leitura na escola.

O presente trabalho está segmentado em cinco partes, mas que estão em conexão. No que se refere a introdução, fazemos um reflexão acerca da leitura e de nossas inquietações, questões que percebemos na escola.

No capítulo 1- Contexto sócio histórico acerca da leitura, abordamos a leitura em seu cenário histórico, de forma que realizamos uma ponte da sobre a questão histórica e as práticas desenvolvidas na escola pelos professores.

No capítulo 2- Considerações acerca da leitura, apresentamos reflexões acerca da leitura e como ela é vista, através de documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e estudiosos que dedicam seus escritos a temática.

No capítulo 3- Sobre a prática desenvolvida: projeto de leitura, apresentamos nosso projeto como forma de se dar iniciação para que os professores das demais séries tomem como elemento norteador, para desenvolver outros projetos com o intuito de promover a leitura na escola, que, por conseguinte ajudarão na formação de educandos leitores.

A última parte se refere às considerações, na qual chegamos, de maneira que trazemos uma reflexão acerca da prática e teoria desenvolvida pela escola, tendo em vista que essa prática realmente promove a formação de educandos leitores.

## 2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO ACERCA DA LEITURA

Nesse capítulo abordaremos um pouco da história acerca leitura, percorrendo o caminho longo e cheio de conflitos que a leitura teve que passar para alcançar todas as classes e idades no nosso país. Momentos da história que explicam como foi a ascensão da leitura na vida das pessoas, sejam estas da classe dominante ou dominada, e suas incumbências dentro da sociedade em cada momento histórico que a compõe.

Durante o processo de formação do nosso país, a leitura passou por vários períodos abrangendo diferentes objetivos, interpretações e finalidades, que formataram a construção da metodologia da prática da leitura, prática esta que pode ter se perpetuado por todo nosso cenário educacional. Sabe-se que a leitura ganhou diferentes interpretações de acordo com os interesses vigentes de cada época, enquanto a classe dominante concebia a leitura de forma habitual, diretiva e prazerosa, a classe dominada não tinha acesso à leitura ou quando o tinha era para fins econômicos e burocráticos, fato demonstrado através dos estudos na área da história acerca da leitura, que nos revela como nosso país construiu o processo de leitura e aprendizagem ao longo de sua formação, como expõe Silva:

[...] o acesso a leitura e aos livros nunca conseguiu ser democratizado em nosso meio. A então propalada “crise da leitura não é uma doença destas últimas décadas e nem deste século: ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de biblioteca e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro (1986 p.11-12).

Revelado esses aspectos que demonstram a realidade do Brasil, começamos a vislumbrar semelhantes práticas entre o passado e o presente, como um d’javou a nossa sociedade tem produzido e reproduzido práticas que existiam há séculos atrás. Quando aportaram em nossas terras os padres jesuítas (1549) que tinham como missão evangelizar e catequizar os habitantes e também formar mão de obra, todo acesso ao conhecimento era controlado pela Igreja, que o disseminava através de técnicas de aprendizagem como memorização e repetição, podemos citar também que nesta época a circulação de livros era insuficiente, em todas as camadas da sociedade.

Roger Chartier (1991), um dos principais representantes dos estudos sobre a história da leitura, mostra que o processo de desenvolvimentos ao acesso as obras literárias na Europa, acontece a partir do século XVI, processo este que começou com as classes dirigentes, clérigos e a elite, e posteriormente passou para as demais classes, ou seja, o acesso à leitura foi um fenômeno mundial, porém na Europa avanços aconteceram mais rápidos e os livros deixaram de estar somente em igrejas e bibliotecas e em poder dos mais afortunados financeiramente e ganha gradualmente as camadas mais baixas da sociedade sendo

reproduzidos em massa no século XVIII, isto é, percebe-se que a leitura e seu processo de desenvolvimento foi um acontecimento, mas alguns países conseguiram avançar e superar de forma parcial ou total este fenômeno, enquanto no Brasil esta realidade ainda tem se mostrado presente.

Queremos aqui destacar um marco na história do país, tendo em vista que, com a chegada da família real ao Brasil, ocorreu o processo de modernização cultural, a alta sociedade estava agora presente nas terras brasileiras e sendo assim jornais, folhetins, teatro passaram a fazer parte do contexto da sociedade, constituindo assim uma importante fase em nosso país, o da expansão da imprensa periódica, o que contribuiu para o avanço da leitura até mesmo na educação. De acordo com Galvão e Batista (1998, p.34):

A partir do século XIX, com a implantação da imprensa régia em 1808, o Brasil iniciou sistematicamente a impressão de livros. Até então, não só na escola, mas nas diversas instâncias sociais, eram raros os objetos disponíveis para a leitura, haviam poucos lugares onde se poderia adquirir esses objetos (bibliotecas e livrarias só existiam nas cidades mais populosas) e, conseqüentemente, poucos eram os leitores.

Essas palavras demonstram explicitamente como era a sociedade brasileira em seus primórdios, as condições sociais de acesso à leitura além de difíceis eram também limitadas, e podemos também dizer que observando o contexto ao qual estamos nos referindo, o poder aquisitivo para adquirir um exemplar era somente da classe alta que constituía a sociedade da época, limitando assim o acesso ao livro somente proporcionado pela escola e de maneira muito restrita, de forma imposta e para fins sociais e educativos, tornando a leitura um ato mecânico. Entende-se, através deste cenário, um ponto importante sobre o déficit da leitura em nosso país, que se reflete ainda em nossa atualidade.

O nosso país assim como outros passou por momentos cruciais de mudança e revolução, interferindo diretamente no acesso e promoção a leitura. Desse modo, um fato ocorrido em nossa história, acarretou em um retrocesso. Nos anos do regime militar, o Brasil passou por sérias crises assim como outros países subdesenvolvidos, e a dívida externa contribuiu para isso, pois o poder aquisitivo da grande massa não condizia com a realidade de se obter livros, o que continuou a ser uma regalia das classes com maior poder aquisitivo. Com isso foi fortificado o regime do privilégio, e a classe alta continuou a afirmar sua superioridade cultural, perpetrando assim a desigualdade social e mantendo a classe baixa cada vez mais alienada da sua própria condição. Quanto a isso, Silva (1986, p.11) afirma: “[...] a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade”.

Partindo do exposto, o acesso a leitura para crianças da classe popular, parte de uma imposição histórica, que vem desde a formação de nosso país, associando ainda as ideologias que permeiam a realidade desta classe de que ler é um ato necessário para sobreviver, ter um

emprego e manter-se vivo uma espécie de meio de sobrevivência, uma necessidade vital, mas totalmente descontextualizada de sua real função, o ato de ler passa a ter um peso que não lhe cabe, dissociando a leitura de um ato prazeroso a penoso.

Portanto, estes são alguns dos desafios históricos que precisam ser superados, não é qualquer leitura que trará a “libertação” e reconstrução da nossa sociedade, para tanto existe uma metodologia a ser desenvolvida em conjunto com a participação de toda sociedade, envolvendo esferas políticas, sociais, educacionais, religiosas entre outras.

## **2.1 Herança cultural**

Nos escritos acima buscamos sintetizar o processo histórico de como nosso país aprendeu a ler, os habitantes (índios) que aqui se encontravam foram obrigados a aprender uma língua estranha, como se não bastasse o mundo novo que estava sendo posto a sua frente. Como também foram impostos a aceitar esta nova realidade, e para sobreviver se viram obrigados a esquecer de seu idioma e incorporar uma nova língua e realidade, e nesse ínterim ainda existiam povos de todos os lugares, falavam-se tantas línguas e dialetos que se perderam ao longo da história, para dar lugar a língua portuguesa. Foi neste cenário babilônico que nossas gerações foram sendo formadas, dando lugar a uma língua imposta, atribuindo assim fatores psicológicos irreparáveis, somando-se aos processos metodológicos educacionais tradicionais e europeus do modo de ensinar.

Superado parcialmente esta primeira fase de nossa história, recebemos da herança eurocêntrica, adaptações das obras pedagógicas europeias, o que era de se esperar devido a nossa colonização. A história da literatura infantil na Europa inicia-se no final do século XVII e início do século XVIII, este fato ocorre e ganha atenção devido ao novo modelo de família que se estabeleceu nesta época, no qual a criança não era mais vista como um adulto em miniatura, ela passa a ser percebida como um ser que precisa de atenção e cuidados específicos. Se antes a criança participava da vida social adulta nesta nova realidade ela começa e ter um mundo singular para sua condição infantil, para Ariés (1973), um dos pioneiros nesta reflexão e referência, quando falamos em história da criança e infância, fica evidente que o conceito de infância não existia até então, ou pelo menos não como o conhecemos; mesmo existindo crianças, mas se tinha tão somente uma percepção de seres biológicos que rapidamente eram inseridos na fase adulta. Esta consciência social de estatuto próprio denominado infância, começou a surgir com o Renascimento a partir do século XVIII, com o iluminismo.

Começa então toda uma estruturação de como deveria ser a vida de uma criança, os cuidados básicos destinados à higiene, alimentação, estilo de vida, regras, padrões moralizantes de conduta e organização social, e é claro educação. Para tanto é preciso desenvolver uma literatura própria para crianças, pois antes do século XVII, existiam poucos livros, as histórias eram contadas oralmente e em sua maioria para adultos, que memorizavam

as mesmas e assim transmitiam de geração em geração. Com esta nova organização social, que valorizava a infância, a necessidade social da escrita que se tornara habilidade crucial devido ao avanço do comércio, criação da imprensa, surgiram também os pioneiros das pesquisas e livros infantis, adaptados das histórias orais das narrativas. Podemos citar aqui alguns nomes como: Perrault (1628-1703) na França, foi um escritor e poeta que estabeleceu as bases para um novo gênero literário, o conto de fadas, outro exemplo são os conhecidos irmãos Grimm na Alemanha, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), que transcreveram algumas histórias da cultura popular do seu país para o universo infantil. Os dois dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade, que, gradativamente, tomou proporções globais.

Neste contexto, surgem várias dualidades, deixamos de contar histórias para ler histórias, o livro passa a ser produto comercial e, portanto, sujeito às leis do mercado, o livro passa a promover e a estimular padrões moralizantes, sendo objeto da escola, adotando posturas, por vezes, nitidamente pedagógicas e endossa valores burgueses.

Conflitos de interesses acontecem nesse processo, mas abre-se um novo campo para a produção da literatura brasileira, que antes contava com adaptações e traduções dos livros infantis europeus, principalmente os de Portugal, e agora começa a surgir um novo material adequado às crianças do país. Diante da transformação, começa a surgir a preocupação com a carência de material de leitura adequado às crianças do país as quais contavam apenas com adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus que, muitas vezes, em nada se assemelhavam à sua realidade, e com um registro linguístico diferente do habitual.

### 2.1.1 A identidade do gênero literário infantil no Brasil.

Segundo Zilberman (2005), os primeiros livros escritos para crianças, no Brasil, considerados literatura infantil, surgiram no século XIX, atendendo a uma nova necessidade da sociedade moderna. Surgem as principais linhas de ação: histórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil. Encontrado e apreciado esse interesse, o gênero ganha integração e adeptos e adquire um perfil definido por meio do trabalho dos autores da segunda metade do século XIX, garantindo sua continuidade e atração.

É preciso ressaltar o contexto social da época, em que vários fatos cooperam formando a nova imagem do Brasil como um país em processo de modernização, com a extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana e a incorporação progressiva de levas de imigrantes que modificaram toda a dinâmica da sociedade, a paisagem de algumas cidades. A partir deste conjunto de fatores sociais, nascem os grandes nomes da literatura infantil brasileira.

Neste processo de modernização, novo modelo econômico e administrativo e o avanço industrial, fizeram com que o número de escolas aumentasse, ampliando o acesso a cultura e

ao conhecimento, nasce a equação perfeita que interessaria as editoras, consolidação da classe média (compradora), aumento da escolarização dos grupos urbanos (leitores) e a nova posição da literatura. Diante disto, o número de produções literárias expande e em conjunto escritores comprometidos em produzir obras específicas para a literatura infantil.

No entanto se faz necessário aqui ressaltar alguns nomes importantes da nossa literatura e alguns trabalhos de destaque, que influenciaram e formaram toda uma geração. Um dos autores de maior destaque na produção de literatura infanto-juvenil é o escritor Monteiro Lobato, (1882-1948), o referido autor tem um papel fundamental na nossa história, pois além de atuar como autor ele se torna um empresário, fundando editoras e contribuindo para a modernização da produção editorial brasileira. Responsável por inaugurar uma nova estética da literatura infantil no país, desenvolveu um acervo de obras, dentre as quais podemos destacar *Narizinho arrebitado* publicado em 1921, *As Reinações de Narizinho*, publicado em 1931 e toda a série do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que alcançava não só o público infantil e juvenil, mas também os adultos. Podemos dizer que Lobato foi o primeiro autor da literatura infantil brasileira, pois ele rompe com padrões eurocêntricos .

Outros famosos autores brasileiros de literatura infantil de grande contribuição foram Thales de Andrade (1890-1977) que publicou sua primeira obra em 1918, *A filha da floresta*, em que retrata sua preocupação com a devastação da natureza. Outras obras tão importantes também são as obras de, Figueiredo Pimentel (1869-1914) *Contos da Carochinha*, Coelho Neto, Olavo Bilac, foram nomes de destaque, como também, Graciliano Ramos (1829-1953) em 1939 escreve *A Terra dos Meninos Pelados*, também Rachel de Queiroz (1925-1977) que escreve o *Mistério do Coelho Pensante*. Tivemos ainda muitos outros nomes de destaque na literatura infantil, que por hora não iremos aqui listar para não nos alongarmos, mas vale ressaltar que mesmo diante dos esforços de todos os escritores, a literatura ainda caminhava reforçando sua legitimação artística, que estava em processo de formação.

Adentrando ao século XX teremos um destaque aos HQs (Histórias em quadrinhos) com autores brasileiros que ganharam destaque na literatura infantil, sendo estes Ziraldo com *O Menino Maluquinho*, Mauricio de Souza com *A turma da Monica*, títulos que surgiram na década de 60, e alcançam o público infantil e juvenil até hoje, sendo inclusive traduzidos para outros países.

Compreendo esse recorte histórico das principais ocorrências que aconteceram através do tempo em nosso país, que englobaram as mudanças ocorridas através do tempo, devemos citar um marco importantíssimo em nosso país que teve repercussão internacional o prêmio Hans Christian Andersen, concedido a Lygia Bojunga, Ruth Rocha e Ana Maria Machado. Através destas autoras a prosa na literatura infantil é marcada por uma diversidade de temas que encantam, cede lugar a imaginação, subjetivismo através da fantasia e do humor, estas autoras alcançam também aos pais e educadores, que tornam suas obras instrumentos necessários para promoção ao acesso e difusão da leitura no âmbito escolar e fora dele.

Assim, diante dos escritos acima, percorremos um pouco da trajetória da difusão da leitura no Brasil, realizando uma breve e resumida viagem pela história que explica a atual realidade da leitura no Brasil, tendo em vista que está provem de fatos que aconteceram no

início de sua inserção na sociedade brasileira, já que a mesma quase sempre foi utilizada pela grande massa apenas como instrumento de formação profissional, sem caráter fomentador de ideias e reflexões, apenas para a formação parcial da população. Logo, percebe-se que essa história não está tão distante dos dias atuais, já que a leitura ainda é posta na escola como elemento de formação limitada, em que não há espaço para reflexões e exposições de opiniões, ou seja, de sujeitos letrados, que não apenas sabem ler, mas compreende o que se lê e sabe expor sua opinião sobre os escritos, de forma coerente, sejam estes na forma escrita ou falada.

## 2.2 A prática da leitura na escola

Atualmente vivemos num mundo que exige uma sociedade letrada, mesmo com a pós-modernidade em que os recursos tecnológicos vêm substituindo a ação humana, cada indivíduo tem o desafio de adquirir habilidades de leitura, não somente para ler e escrever como mera decodificação, mas, sobretudo, saber fazer uso de sua leitura e escrita em suas práticas sociais, o que implica da parte do processo educativo a busca de uma formação voltada para o desenvolvimento individual e social do sujeito, a começar pela as condições necessárias para a formação de um bom leitor.

Desse modo, quando nascemos, um mundo está construído a nossa espera, somos inseridos em uma sociedade que está posta e foi construída ao longo de milênios, com isto entramos em uma jornada na qual não haverá volta, e para crescermos e nos inserirmos dentro desta sociedade, precisaremos dominar algumas competências e habilidades, e a leitura e a escrita estão dentre as principais.

Ainda que o homem desenvolva a competência de falar antes de aprender a ler e escrever, e mesmo que tenham existido comunidades ágrafas, atualmente, na sociedade letrada em que vivemos, saber ler e escrever consiste em uma competência fundamental não somente à questão profissional, mas também ao bom convívio de modo geral. Não resta dúvida de que a capacidade de ler de modo crítico tornou-se indispensável aos seres humanos, transformando-se em um exercício essencial à realização de diversas atividades cotidianas: desde as mais simples, como pegar um ônibus, ler um panfleto de propaganda, cozinhar usando livros de receitas, até as mais complexas como a leitura de um texto científico, jurídico ou literário (SCHWARZBOLD, 2011, p.11).

A leitura é um ato aprendido, e uma atividade indispensável para a formação do indivíduo, através de estímulos e contínua motivação. O início da vida leitora, se dá por meio da leitura de mundo, realizada através de tudo que o cerca, imagens, expressões, objetos etc. Assim a leitura é antes de tudo a interação do indivíduo com o mundo, e sua prática é uma

tarefa essencial para a construção do conhecimento e a formação do indivíduo, além de ser geradora de sentimento e de opinião crítica, exerce sobre o sujeito o poder de expandir seus horizontes. É uma atividade que em cada leitor produz um significado de acordo com a experiência e o conhecimento que cada um tenha obtido ao longo do seu desenvolvimento.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (1997), a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, tendo em vista que quando o mesmo a domina com excelência, o processo de aprendizagem de todas as matérias, mesmo as exatas, torna-se muito mais acessível e facilitado, uma vez que o domínio da leitura proporciona ao indivíduo aguçar seu senso crítico interpretativo, o que traz como consequência desenvolvimento individual, intelectual e social do sujeito.

Dentro deste contexto, podemos observar que as práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, vem a construir leitores e produtores de textos para diversos gêneros textuais. A afirmativa supracitada pode ser observada segundo a orientação dos PCNs:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade (Brasil, 1997, p.54).

A leitura faz parte do cotidiano social, dentro e fora da escola. No entanto, nem sempre os alunos são capazes de realizar uma atividade de leitura eficaz, tanto de textos de gêneros variados como de obras literárias. A leitura, enquanto processo cultural de decodificação e interpretação de linguagens codificadas tem um valor central na sociedade, bem como no modo de produção vigente. É um processo que encontra particular ressonância no contexto escolar.

Outro aspecto que podemos destacar na orientação dos PCNs(1997) para prática de leitura, tendo a escola como agente viabilizador da leitura “deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura” (Brasil, 1997).

Porém no aspecto prático da leitura na escola, podemos observar pelo desempenho dos alunos, principalmente os da rede pública, que é um desafio muito grande do educador fomentar a leitura no processo educacional escolar, uma vez que os aspecto cultural de não apreciação da leitura, a estrutura do sistema escolar e muitas vezes até a falta de preparo do profissional do educador para o tema, faz com que o aspecto da leitura na escola seja muito dificultado, essa deficiência inclusive tem sido motivo de extrema preocupação do MEC, como podemos observar nos PCNs:

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais - inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres - estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série (Brasil, 1997, p. 19).

É papel das instituições de ensino o desenvolvimento do gosto pela leitura, bem como o de fazer o indivíduo entender a sua importância no contexto social, pois a sociedade atual exige um sujeito ativo que saiba usar a sua competência de leitor, não apenas de textos impressos, mas que saiba utilizar a linguagem com precisão e adequá-la em seu discurso em diferentes situações comunicativas.

Dentro deste contexto, podemos observar que a leitura desenvolve não só o aspecto intelectual, mas também social, países de primeiro mundo tem uma relação de extremo zelo com a leitura, por saberem que uma vez que o cidadão é amante da leitura, terá uma facilidade para aprender em qualquer área do ensino, visto que o início do processo de aprendizagem de qualquer disciplina, invariavelmente tem que passar pela leitura.

Temos que ter em mente que a leitura não se resume na mera extração de significados por parte do sujeito leitor e texto, mas de um processo de integração entre ambos, no qual a escola exerce um papel fundamental para o desenvolvimento desta relação.

Quando uma família não tem condições de auxiliar seus filhos no trabalho com a leitura, o incentivo deve partir do ambiente escolar, porque, talvez, essa seja a única fonte de acesso ao mundo escrito de muitos alunos, aumentando o compromisso da escola em não minimizar nem fracassar na tarefa de ensinar a ler (SCHWARZBOLD, 2011, p.16).

Devemos observar que nos dias atuais o educador tem um desafio muito grande no desenvolvimento didático que propicie a leitura, pois ao mesmo tempo em que deve orientar os alunos a respeito dos diversos gêneros textuais, também devem trazer esse conhecimento para realidade dos mesmos.

Assim sendo, podemos dizer que é impossível, se fazer uma dissociação entre leitura de qualidade e escola, os desafios são gigantescos, uma série de variantes a serem superadas

tais como, falta de estrutura, qualificação dos profissionais e investimento do setor público, porém se quisermos realmente fazermos uma reforma no ensino como tem proposto o MEC, e por outros estudiosos, temos que iniciar pela reforma da leitura, que ao invés de ter um viés obrigatório e monótono, deve ser substituído pelo conceito de atividade agradável e de crescimento social. Diferentemente de décadas atrás onde certo grau de ensino ou até mesmo leitura era “suficiente,” para o desempenho profissional ou pessoal do indivíduo, vivemos na era do conhecimento, o qual está intimamente ligado a boa leitura, dentro desta perspectiva a escola tem um papel fundamental, principalmente no processo de iniciação a leitura.

A escola, a Biblioteca e o Professor no espaço educativo são componentes de mediação das fontes de informação, os responsáveis pelo processo de construção do conhecimento em espaços de disseminação de leitura, formação da cidadania, tendo em vista o desenvolvimento de um olhar crítico e a possibilidade de formar uma sociedade consciente. Assim, Schwarzbald (2011, p. 16) apud Cunha (2008).

Esse vínculo natural [entre escola e leitura] torna-se imperativo num país com as desigualdades sociais nos níveis existentes em nosso país, onde a família não exerce o papel de primeira e mais importante definidora do valor da leitura.

O mundo globalizado demanda uma sociedade leitora, participativa, informada e, sobretudo, consciente de seu papel enquanto sujeito social.

### **2.3 O papel do professor no incentivo a leitura**

Diante dos desafios existentes no âmbito educacional, um ainda é recorrente e traz a tona preocupações, que é o da falta de interesse pela leitura, de ter alunos comprometidos com esta prática, um tema recorrente entre os profissionais da área educacional. Muitas discussões acerca da leitura se iniciam na sala dos professores das séries iniciais, transcorrem as demais modalidades do ensino da educação básica e chegam à instância da educação superior, a preocupação com a leitura permeia todo o contexto educacional, levantando sempre questionamentos, e trazendo a voga a responsabilidade dos pais e da escola em formar sujeitos leitores.

Como a leitura está intrinsecamente associada à escola, é responsabilidade da instituição escolar e do professor em ensinar e favorecer a prática da leitura, de forma planejada, direta e constante. A leitura na escola e em sala de aula não pode ter o papel de apêndice da gramática e do ensino em geral, fazendo com que a leitura perca seu valor essencial o do prazer. Segundo os PCNs de Língua Portuguesa (1997, p.36).

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário.

Neste sentido, deve-se pensar em estratégias e procedimentos que sejam atraentes para os alunos, a motivação vem pela mediação do professor, este deve compreender a importância de se trabalhar com literatura infantil na escola, disponibilizar diferentes gêneros textuais é importante para que o aluno produza novas ideias e que assim possa interpretá-las. Segundo Freire (1999, p.29), “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz de sua tarefa docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

O professor é chave central no ambiente escolar, neste processo de formar leitores, mas como Silva (2002) explica, a ação do professor deve ser orientada com o objetivo de superar improvisos que historicamente, marca o ensino e promoção da leitura em nosso país. Para tanto o professor deve assumir o papel de mediador, criando condições estimuladoras e que tenham a ver com a realidade dos alunos, aproximando assim a leitura dos mesmos, derrubando barreiras invisíveis e imaginárias existentes. Nesse sentido é que Bordini e Aguiar (1988, p. 17), nos diz:

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um background cujas raízes estejam nesse ambiente.

Compreendemos que o prazer da leitura passa pela interação significativa entre leitor e texto e estas, “[...] caberia ao professor um papel radicalmente diferente do que anteriormente exercia: de agente transformador de informações em selecionador dessas informações, seu decodificador, mostrando como descobri-las e selecioná-las e de que maneira transformá-las em saberes” (ANTUNES, 2001, p.12).

Neste aspecto, como mediador atuante em sala de aula, cabe ao professor juntamente com a escola, selecionar de forma significativa textos literários que ampliem o repertório de leitura dos alunos. Explorando os mais variados aspectos, emocionais, cognitivos, sociais, estéticos dentre outros. Proporcionando o prazer de ler de descobrir de inventar, criar, recriar

e inúmeras possibilidades que a leitura nos oferece, mas só compreende estes aspectos quem lê, e não quem decifra códigos.

É, portanto no espaço da sala de aula que o professor encontra as condições ideais para se compartilhar experiências de leitura, realizar diálogos sobre a leitura, mostrando aos alunos que a leitura é um ato prazeroso, que podemos ler por vários motivos para estudarmos, para obtermos informações e conhecimentos. Segundo Moll (1996, p.37), “Quando o ambiente favorece a aprendizagem, transforma o desinteresse de alguns em motivação. A sala de aula deve ser motivadora de leitura, da escrita e do manuseio do material didático”.

O principal objetivo de um educador frente a realidade que ele encontra, e sabemos que estas são as mais variadas, desde falta de material, biblioteca, tempo e inúmeros fatores que por vezes não corroboram para propiciar a leitura, o desafio do professor constitui-se em desenvolver o comportamento leitor, para que sejam autônomos, que explorem o ambiente escolar e de sala de aula, biblioteca caso a escola tenha, mas busquem também fora do espaço escolar leituras que lhe promovam satisfação em ler. O educador diante das suas condições deve buscar fomentar o gosto pela leitura, para que se crie o hábito de ler e assim o aluno possa ter iniciativa e autonomia para buscar leituras que lhe agradem.

Nesta perspectiva o professor junto com a escola, precisa mostrar aos alunos que a leitura é prazerosa e desafiadora, que uma vez adquirido o hábito de ler, este lhe proporcionará autonomia e independência, podemos dizer que uma palavra que definirá o sucesso na formação de alunos leitores é a conscientização dos mesmos. Formar leitores também requer condições propícias que não se restrinjam apenas aos recursos materiais. Para este desenvolvimento os PCNs (1997, p.58) descrevem algumas condições:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;
- Dispor de um acervo de livros de classe e outros materiais de leitura;
- Organizar momentos de leitura livre [...];
- Oportunizar aos alunos a escolha de suas leituras [...];
- Possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola [...];
- Construir na escola uma política de formação de leitores nos quais todos possam contribuir com sugestões [...]

Estas são algumas propostas didáticas que os PCNs (1997), nos relatam no sentido de formar leitores, estas são sugestões para o trabalho com alunos, e pode servir de referencia para novas propostas, o professor deve buscar continuamente aperfeiçoar suas práticas a fim de promover ao aluno o verdadeiro sentido da leitura e sua existência.

### 3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 53) leitura é:

[...] É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê.

Isso mostra que a leitura é um sistema que envolve signos históricos e sociais que possibilitam o homem dar significados as suas realidades podendo assim reconhecer o mundo em que vive, ou seja, leitura não é simplesmente aprender palavras, mas sim dá significados culturais e emocionais, para que as pessoas interagir e entender a realidade em que vive. Sabendo disso podemos dizer que leitura é uma das principais formas de se construir opiniões próprias, pois a leitura não se dá apenas com os livros, mas também com através de observação e interação do individuo ao seu meio social, tendo um embasamento necessário para toda e qualquer atividade que o mesmo venha realizar para expandir seus horizontes.

Para Cagliari (1993, p. 312),

Quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar as ideias na mente para montar a estrutura linguística do que vai dizer em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento. Em ambos os casos, a passagem pela estrutura linguística é essencial. Sem isso, não existe linguagem e, portanto, não pode existir fala nem leitura de nenhum tipo.

Dito isso podemos dizer que a leitura deve acontecer em várias formas e com variados objetivos no contexto do cotidiano, pois para que se tenha sentido para o educando, ou seja, para aprender a ler, é necessário interagir com uma diversidade de textos escritos e participar de fato dos atos da leitura.

#### 3.1 Os PCNs, leitura e a formação de leitores.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais surgiram na década de 90 no Brasil com a intenção de atribuir melhorias para a educação, deixando-as mais eficaz a prática desenvolvida nas escolas. E para sabermos as contribuições que os PCNs trazem para a formação de leitores é necessário termos como base um pouco do contexto histórico, ou seja, reconhecer as reformas educacionais.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, que dá a garantia da educação, começam a ter início as lutas em busca de uma educação igual para todos. Tendo em vista que a educação básica é obrigatória em todo o território nacional, e para que de fato esse direito seja efetivado é necessário ser cumpridas leis que dessem subsídio a chegada e a permanência nas escolas. A década de 90 foi marcada por várias conquistas, fruto de luta que almejava outras oportunidades de acesso a educação por pessoas de classes populares e para que isso de fato pudesse acontecer fazia-se necessário a implementação e o desenvolvimento de políticas educacionais, para que assim fosse garantido o acesso e a permanência nas instituições. “Em 1990, o governo brasileiro não contava com um projeto conciso para abranger a educação nacional” “[...], pois não havia proposta concreta por partes do governo capazes de mobilizar a sociedade para ações mais abrangentes em educação” (ARELARO, 2005, p.96).

Nesse tempo lutava-se por uma legislação que possibilitasse o direito à educação de maneira concreta. A Lei de Diretrizes e Base da Educação teve um extenso percurso tendo como primeira LDB a de nº 4.024/61 apresentada pelo Ministro da Educação Clemente Mariani, sancionada em 20 de Dezembro de 1961. A mesma passou por algumas modificações através de emendas e artigos, assim restaurados pelas leis 5.540/68, 5.692/71 e conseqüentemente pela LDB.

As Políticas Educacionais buscam o direito a uma educação pública de qualidade para todos. A participação do Brasil na Conferência Mundial de Educação, trouxe ao país a responsabilidade universalizar o ensino fundamental e assim erradicar o analfabetismo no país, assim assumindo o compromisso de elaborar o Plano Decenal de Educação para todos.

O Plano Decenal foi concebido e elaborado para ser um instrumento guia na luta pela recuperação da educação básica do País. Todavia, a sua efetivação depende de esforço integrado e compartilhado entre todas as esferas e agentes do processo educativo, ou seja, a União, os Estados e Municípios, as escolas, os professores e dirigentes escolares, as famílias e a sociedade civil. Torna-se cada vez mais importante que cada uma dessas instâncias e segmentos assumam compromissos públicos com a melhoria do ensino, fazendo da escola um centro de qualidade e cidadania, com professores e dirigentes devidamente valorizados, ajudando o País a edificar um eficiente sistema público de educação básica (BRASIL, 1993, p.5).

O Plano Decenal visam uma melhoria a ser investida pelo o governo, pautadas na LDB que regulamenta o ensino básico, pois é através dele que se obtém a normas a serem cumpridas e para o complemento da LDB, surgem os PCNs que são as propostas a serem seguida pelas escolas.

Os PCNs surgiram com o objetivo de ser um instrumento importante nas discussões pedagógicas, para que assim possa ser desenvolvido um currículo escolar que permeia

educação formal, que impulsiona a formação dos educandos. Agora citaremos alguns destaques importantes para o nosso trabalho relacionado aos PCNs de Língua Portuguesa.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vistas, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidades de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p.150).

Sendo assim, podemos dizer que os PCN, propõe o domínio da leitura para que o indivíduo possa ser capaz de assumir um papel crítico e participativo perante a sociedade, seguindo assim seu caminho de forma autônoma garantindo seus direitos, como é apresentado nos PCNs,

[...] a leitura na escola tem sido fundamental, um objetivo de ensino. Para que possa construir também objetivo de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realizações imediatas. Como se trata de uma pratica social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-las. Isso significa trabalhar com diversos textos (BRASIL, 1997, p. 54).

A escola deve aguçar o desejo do aluno dando-lhe significado ao ato de ler que é necessário para o desenvolvimento social, tendo em vista que leitura é super importante para construção do ser crítico.

No que se refere a formação de leitores, os Parâmetros Curriculares Nacionais dizem:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre textos que lê e outros já lidos, que saiba vários sentido podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e valida sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1997, p.54).

Sendo assim, é fundamental apresentar ao aluno uma multiplicidade de textos que envolvam diferentes respostas ao por que e para quê a leitura se faz necessário, pois se o

desejo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos a sua volta, é necessário organizar um planejamento pedagógico de modo que o aluno possa vivenciar diversas modalidades de leitura. Para Magnani (1989, p.27) “a leitura da palavra escrita pressupõe a alfabetização, o que em nossa sociedade e cultura livrescas se dá no âmbito escolar”.

Nesse sentido se faz necessário que o educador tenha encanto pelo que faz, ou seja, o educador também deve gostar de ler, pois sendo assim ele perpassa toda uma empolgação para seus educandos e finda aguçando o desejo da leitura nele. As escolas, bem como os professores, exercem uma força muito grande no que diz respeito à formação de leitores, mas, muitas vezes percebe-se que essa força é desconhecida ou não é praticada por alguns professores, pois em muito caso as escolas deixam esse ponto chave de lado, pois desenvolvem planejamentos que dê possibilidades dessa formação ser realizada. Logo, “a maioria das escolas públicas não possui biblioteca e as que possuem estão em estado calamitoso de funcionamento, seja em nível de organização ,seja em nível de atualização de acervos” (SILVA 1997, p.53).

Baseado nisso podemos dizer que a formação de leitor dá-se pelo prazer da leitura que por sinal deve surgir durante a infância, quando os pais têm como hábito e contar histórias para as crianças, mas apesar de todo esse meio, a leitura ainda é vista a partir da dimensão do ócio, ou seja, é sempre deixada de lado pela nossa sociedade.

Mesmos sabendo que a prática formadora de leitores se dar logo nos anos iniciais, como nos afirma Góes (1991, p.27), quando diz que o contato com a leitura “[...] deve ter início desde cedo, pois o indivíduo que lê acelera seu grau de entendimento do mundo em sua volta, imagina, aprende e escreve melhor”. Com isso podemos dizer que criança aprendendo a ler, reencontra-se nas passagens e se familiariza com um passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada nova leitura. Desse modo, “formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura” (BRASIL, 1997, p. 58).

### **3.2 A leitura na perspectiva do letramento**

Enveredando pelo caminho da leitura na perspectiva do Letramento, iremos agora tecer algumas considerações acerca dessa perspectiva, tendo em vista que esta está sendo um parâmetro importantíssimo quando falamos de leitura e escrita, já que a nova conjuntura educacional nos exige um novo olhar que abrange muito mais aspectos que a codificação e decodificação das palavras, exigem agora habilidades e competências que levem o indivíduo a interpretação e compressão do texto, o levando a externar juízo de valor, apresentando seu ponto de vista crítico-reflexivo.

E para começarmos a discutir acerca da temática, abordaremos antes alguns conceitos acerca da aquisição da leitura e escrita, considerando algumas denominações de processos de aquisição da linguagem, como alfabetismo, alfabetizado, analfabeto, letrado, iletrado, letramento, de forma que estes termos servem para compreendermos com mais clareza a distinções dos termos utilizados quando falamos nesse processo específico de aquisição da leitura e escrita.

Iniciemos pelo significado etimológico das palavras *alfabetização*, *alfabetizar*, *analfabeto*, *analfabetismo*. É de suma importância a real compreensão que estes termos nos trazem quando nos referimos a leitura e escrita. Os primeiros termos alfabetização, alfabetizar fazem uma alusão no sentido da ação de alfabetizar, ensinar a ler e escrever. Ao contrário dos segundos termos, no caso *analfabeto*, *analfabetismo* que se refere ao indivíduo que não tem o alfabeto, desprovido da leitura e da escrita, o lhe caracteriza como condição em que o indivíduo não detém a capacidade de ler textos escritos. Desse modo, as palavras *alfabetismo* e *alfabetizado* referem-se apenas aos indivíduos que possuem o alfabeto, ou seja, que sabem de maneira restrita codificar e decodificar o código, realizando assim uma leitura de forma mecânica sem envolver sua capacidade de refletir acerca da leitura e emitir seu ponto de vista realizando a ação de compreensão e reformulação de ideias a partir da leitura realizada.

No que se refere ao termo *analfabeto*, este como foi mencionado anteriormente refere-se apenas ao indivíduo que não possui o alfabeto, ou seja, é desprovido do conhecimento do código, sendo assim incapaz de codificar e decodificar as palavras, não possui a tecnologia da escrita nem da leitura, nem de forma singela, como no alfabetismo.

Já com relação ao sentido etimológico das palavras como *letramento*, *letrado* e *iletrado*, estes nos trazem uma nova concepção, no que entendemos como ler escrever, de maneira que letrado remete a uma pessoa entendida em letras, e iletrada que não possui conhecimentos literários. Já o termo *letramento* ainda é uma palavra recente, passando a ser mais utilizada nos últimos anos pelos linguistas, tendo em vista que o termo letramento traz um novo olhar acerca da forma como entendemos a presença da escrita e da leitura na nossa vida. Logo, a palavra *letramento* vem da palavra inglesa ‘literacy’, que significa ser letrado, de forma que elege a condição de alguém que é ‘literate’, que quer dizer quem domina a escrita e leitura. Com tal característica, o indivíduo letrado muda significativamente sua visão e comportamento no mundo, tornando-se um sujeito mais reflexivo e críticos acerca dos fatos sociais, mudando sua postura que antes era passiva, e agora se torna ativa, usufruindo de seus direitos enquanto cidadão. Temos:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social se modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura-sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2010, p. 37).

Dado isso, a citação acima traz uma reflexão acerca do comportamento de uma pessoa letrada, faz uso da leitura e da escrita em práticas sociais, atendendo assim as novas exigências da sociedade, que agora deseja e exige que o indivíduo seja capaz de ler e interpretar o que está escrito, como também de saber redigir textos adequados e inteligíveis, até mesmo emitindo opinião sobre alguma temática. Atende-se que “Letramento é um estado ou condição: estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e escrita, com diferentes gêneros, e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida” (SOARES, 2010, p.44).

Neste sentido, o surgimento do termo letramento, se apresentou recentemente devido as novas demandas da sociedade atual, que requer dos indivíduos competência para utilizar a leitura e escrita em vários momentos da vida, como escrever um bilhete, texto, ofício, e compreender um o pensamento de um autor de um livro ou artigo etc, ou seja, requer agora o envolvimento que torna o ler e o escrever como propriedade de tal indivíduo, isto é, o sujeito agora se apropria da leitura e da escrita fazendo uso social dessas formas de expressão e de conquista de novos saberes.

A vista disso, compreende-se que o termo letramento vai além de aprender a ler e escrever torna-se o indivíduo letrado é “torna-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada”(SOARES, 2010, p. 37). Neste sentido, “fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (idem, p.38).

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 2003, 29).

Logo, percebemos a relevância do letramento no processo de aquisição da leitura e escrita, pois este agora potencializa o saber do educando acerca do ler e escrever, trabalha suas capacidades cognitivas, com o intuito de promover uma verdadeira aprendizagem acerca da leitura e escrita, o que lhes proporcionará a apropriação dos educandos acerca dessa tecnologia, tão importante nos dias atuais, para que estes possam atuar de forma competente e consciente em qualquer âmbito da sociedade.

Neste sentido, o termo letramento se refere a condição de quem sabe ler e escrever, mas que vai além do sentido que é dada a palavra alfabetizado, tendo em vista que este refere-se apenas àquelas pessoas que aprenderam a ler e escrever, ou seja, codificar e decodificar o

código, ao contrário de letramento, que requer do indivíduo um entendimento, compreensão do que se está lendo, para depois formar conceitos e pensamentos acerca da leitura realizada. Assim temos, conforme Martins (2003, p. 31):

1. Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido, a partir do condicionamento estímulo-resposta [...]
2. Como processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos [...]

Desse modo, refletir acerca da distinção entre alfabetizado e letrado, ou alfabetismo e letramento, ou seja, enquanto a primeira refere-se apenas a aprender e ler e escrever a outra refere-se a aquisição, apropriação da leitura e da escrita, incorporando assim essa ação a suas práticas sociais. Desse jeito, o analfabeto agora vai além de não saber ler e escrever, o estado de analfabeto refere-se agora ao indivíduo que não exerce com plenitude seus direitos como cidadão, e não se apropria dos bens culturais da sociedade letrada.

Logo, no que se refere ao letramento, este envolve aspectos sociais, econômicos, cognitivos e políticos, tendo em vista que envolve práticas sociais de leitura e escrita. Assim o “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição de que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência da ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2010, p. 18).

Ou seja, esse novo contexto da educação no que se refere na aquisição da leitura e da escrita nos leva a uma nova nomenclatura e conceito acerca do indivíduo que não exerce com plenitude sua capacidade de leitura e escrita, sendo agora considerado um analfabeto funcional, termo utilizado ao indivíduo que conhece as letras e sabe decodificar o código, mas que não consegue realizar o movimento de compreensão do texto lido, isto é a leitura é realizada de forma mecânica sem sentido ou juízo de valor.

Assim de acordo com Perez (2006) o índice de analfabetismo funcional é considerável, afetando até alunos dos cursos superiores, tornando-se um fantasma presente na vida de muitos estudantes. Deste modo, para Perez (2006) a perspectiva do letramento seria a metodologia correta de ensino para que haja realmente a aquisição da tecnologia da leitura e escrita.

Desenvolver métodos que priorizem o letramento é fundamental para que o analfabetismo funcional seja superado, e para isso é inquestionável a importância do trabalho conjunto entre pais e professores. Engana-se quem acredita que cabe somente à escola o papel de alfabetizar e letrar, visto que o letramento é uma prática presente em diversas situações do cotidiano, envolvendo não apenas a leitura tecnicista de textos, mas também o desenvolvimento da criticidade e capacidade de elaborar opiniões próprias diante dos

conteúdos acessados. A aprendizagem deve ser universalizada, propiciando assim que todos os leitores atinjam o nível pleno da alfabetização funcional.

No entanto, antes de nos preocuparmos com esse novo estado de analfabeto, pensava-se muito em como minimizar os índices de analfabetismo. Antes o foco era apenas os indivíduos que não sabiam codificar nem decodificar as palavras. Porém com as novas exigências da sociedade contemporânea, surgiu a necessidade de se pensar em como superar essa visão limitada do que é saber ler e escrever, ou seja, agora para atender as demandas da sociedade atual “é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2010. p. 20).

O termo letramento, mais recente que o discutido anteriormente, alfabetização, refere-se à aquisição da tecnologia do ler e escrever no exercício de práticas sociais, ou seja, agora não se mostra produtora apenas decodificar as palavras. É necessário que o indivíduo faça uso da competência da leitura e da escrita, exigindo uma compreensão e entendimento do que se está lendo. Assim, podemos dizer que mesmo que o indivíduo seja analfabeto, não sabe codificar e decodificar o código escrito, mesmo assim se ele estiver em meio a um espaço em que a leitura seja presente e forte e ele realiza o movimento de escutar e entende o que está sendo lido, se ele consegue ditar uma carta ou bilhete, este indivíduo é letrado, pois como falamos anteriormente o letramento intenta o uso da leitura e da escrita em práticas sociais, ou seja, o indivíduo está fazendo uso da língua para atuar no meio social.

À vista disso, pode-se inferir que o letramento é um termo que cujo seu significado se enquadra as novas demandas da sociedade, tendo em vista que o mesmo vai além de aprender ler e escrever, é necessário toma posse dessa prática, exigindo dos indivíduos um movimento muito mais complexo, envolve a compreensão e entendimento dos sujeitos acerca da leitura realizada, para assim emitir opiniões e conceitos acerca do texto lido. Sendo assim, um pessoa letrada não se limita apenas a saber codificar e decodificar as palavras mecanicamente, mas sabe utilizar a leitura e escrita para atuar de forma reflexiva na sociedade, se inserindo numa cultura múltiplas possibilidades e expressões.

### **3.3 O ato de ler**

Por muito tempo acreditou-se que a leitura se baseava na decodificação de códigos e de signos, mas nos dias de hoje, nos deparamos com vários estudos, onde os mesmos afirmam a existências de parâmetros para definir a leitura, podendo assim desconstruindo uma visão tradicional que se perpetuava e propagava muito tempo. Esses parâmetros vêm afirmar que a leitura é um dos meios de ver e conhecer o mundo, e não apenas um simples decodificar de códigos e signos gráficos. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais,

Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor

e tudo o que sabe sobre a linguagem escrita do gênero em questão [...] a leitura é uma história e uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários. Um bom texto deve admitir várias interpretações, superando-se assim, o mito de que ler é somente extrair informações do escrito (BRASIL, 1997).

A leitura no Brasil tem um grande contribuidor, Paulo Freire nos diz que a leitura é um dos instrumentos de cidadania e de elevação do indivíduo a condição de sujeito, ou seja, ele desmitifica o pensamento de que a leitura é simplesmente o decodificar de signo e enfatiza a importância do ato de ler, propondo a prática.

Em seu livro *A importância do ato de ler* (1985, p.9), Paulo Freire, diz que a “A leitura do mundo precede a leitura das palavras, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Baseando-nos em sua fala podemos dizer que a leitura vai muito mais adiante do que uma mera decodificação dos signos, pois a leitura é uma forma de identificar as notícias recebidas pelos indivíduos através dos acontecimentos ocorridos no mundo a sua volta, ou seja, leitura é a absolvição e o entendimento, compreensão dos acontecimentos, sendo eles passados na visão gramatical ou na visão mundo.

Paulo Freire, também orienta a respeito da importância de serem levados em conta os conhecimentos já existentes nos educandos, pois o processo da leitura sendo iniciado logo na alfabetização seja capaz de formar pessoas que possam ter um olhar crítico de suas realidades. E para isso acontecer, faz-se necessário que o educador busque trabalhar os conhecimentos já existentes desde cedo na vida dos seus educando.

Para de fato compreendermos o sentido da leitura podemos basear em Lajolo (1982, p. 59) que nos afirma que

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significados para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Sendo assim podemos dizer que o ato de ler, baseado nas palavras escritas, os educandos permitem-se interagir com o seu meio, como nos afirma, Kleiman (1989, p. 10) “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e o autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Com isso podemos dizer que ler não se limita apenas repetir o que o autor produz em seus escritos, mas sim é o interpretar dos sentidos ali passados pelo mesmo, ou seja, ler é o resultado da interação entre autor e leitor, que a interação entre o que se ler e a realidade.

De acordo com Paulo Freire (1989, p.8)

Aposta na leitura como instrumento que dinamiza a relação do homem com sua realidade: [...] aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica da palavra, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

ler um texto é algo serio [...] é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É a tarefa de sujeito critico humilde e determinado. [...] implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação (FREIRE, 1992, p.76).

No entanto, a leitura nos permite observar o mundo que nos rodeia , podendo assim ter uma visão ampla e crítica de tudo que nos cerca. Pois de acordo com, Solé (1998, p.8).

O processo de desenvolvimento da leitura envolve a linguagem em sua totalidade, como o falar, o ouvir, o sentir, o escutar, o escrever, pois a criança vivencia em seu cotidiano todas essas linguagens que elencarão seu aprendizado convencional da leitura.

Tendo em vista essa passagem de Solé, podemos desmistificar a visão de que a escola é o único local em que as crianças possam aprender a ler, pois em outra de suas passagens vem nos falar que a criança que participa de atividades juntas com a família e a escola, é estimulada a se tornar leitora e a ser crítico perante a sociedade, pois já dizia Silva (1986) “ ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate á alienação e á ignorância”. Mas isso não quer dizer que a escola não tem sua parcela de contrição, pelo contrario, pois para que uma criança seja leitora ela necessita de apoios que as estimulem a gostar de ler, e essa estimulação deve ser aguçada em casa com a família e posteriormente desenvolvida na escola, pois a escola é um espaço privilegiado para a aquisição e o desenvolvimento de leitura. De acordo com os PCN

Para tornar os alunos leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura- a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisarà fazê-lo achar que a leitura é algo interessante e desafiador algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisarà torná-lo confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma pratica de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma pratica pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p.58).

Isso quer dizer que para que os alunos possam aprender a ler é necessário que os mesmos participem de situações de leitura de fato, ou seja, é desejável que os alunos tenham contato com textos de situações reais que perpetuam a sociedade e também possam ter o incentivo dos professores.

Constatando tudo que já foi dito, podemos dizer que ler é uma atividade complexa, que envolve a decodificação e também a construção de sentidos, pois a leitura requer um leitor ativo, que possa compreender o que há nas linhas e também nas entrelinhas do que se está sendo lido.

#### **4 SOBRE A PRÁTICA DESENVOLVIDA: PESQUISA E PROJETO DE LEITURA**

Neste capítulo, abordaremos informações da pesquisa que realizamos que subsidiaram a elaboração do presente trabalho. A pesquisa foi realizada através de observações, registros de diário de campo, e conversas com a docente de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada no município de João Pessoa, no período em que realizamos nosso estágio supervisionado na unidade escola, ou seja, entre 2014 e 2015. A pesquisa foi realizada apenas em uma sala da escola, o 5º ano A, sala esta na qual realizamos atividades pedagógicas, tendo em vista que aquelas crianças apresentavam maior déficit de leitura. Ali realizamos atividades pedagógicas, tendo em vista o desenvolvimento de uma prática leitora naquelas crianças.

Uma parte da coleta de dados da pesquisa que desenvolvemos foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, tendo em vista que esta possibilita a coleta de dados, sem uma padronização de respostas, de forma que as respostas podem ser livres e podem resultar em mais informações do que as que foram perguntadas, de maneira que o entrevistado fica livre para relatar sua visão, ultrapassando ao modelo de alternativas. Assim, para Manzini (1990/1991, p. 154).

a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Neste sentido, utilizamos perguntas que, ao nosso ver, incentivaria a professora pesquisada a falar mais amplamente sobre a temática abordada, com vistas a obtermos informações que ampliassem o universo da nossa pesquisa, com o intuito de conseguirmos dados que norteariam nossas hipóteses, a fim de confirmá-las ou descartá-las nas análises dos dados recolhidos. Segundo Manzini (s.d, p.2).

Um ponto semelhante, se refere à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Dessa forma, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Também utilizamos como forma de registro de nossas observações realizadas no período do estágio, o diário de campo com intuito de deixar documentadas as nossas ações e reflexões observadas no cotidiano de sala de aula. Neste ponto de vista, o diário de campo possibilita o

Registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição ele é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para uma equipe de trabalho. Os fatos devem ser registrados no diário o quanto antes após o observado para garantir a fidedignidade do que se observa [...] (FALKEMBACH, 1987 apud LEWGOY E REIDEL, 2009, p. 1).

Desse modo, a pesquisa nos ajuda a refletir acerca das nossas indagações sobre o campo educacional, em que os problemas merecem nossas reflexões e pensamentos para que possamos elaborar e planejar ações que possibilitem a superação ou amenizar obstáculos que impedem uma educação que favorece a formação dos alunos em sua totalidade. Assim tivemos como intuito verificar se a prática desenvolvida pela docente do 5º ano da referida escola estavam promovendo a formação de leitores, de maneira que o prazer e o gosto pela leitura estavam sendo despertados em seus alunos.

A seguir, faremos uma análise do posicionamento da docente, das suas opiniões e concepções frente ao seu fazer de sala de aula no que se refere à aquisição da leitura e da escrita por parte dos seus alunos. Como elemento norteador para esta análise propomos questões que apresentamos à professora em uma entrevista, a fim de que compreendêssemos a visão que ela tem desse processo, qual a importância que a mesma dá a essa competência, e quais os possíveis fatores que, no seu entender, desfavorece ou favorece a formação de leitores, principalmente na sua sala de aula.

Nessa entrevista que realizamos com a professora, utilizamos, como perguntas norteadoras, as seguintes questões: Qual seu conceito de leitura? Como você vê a relação dos seus alunos com a leitura? Você indica algum tipo de leitura específica para série em que seus alunos estão, ou deixa livre? Qual? Na sua visão, qual a importância da leitura no processo de formação escolar dos alunos? Com que frequência seus alunos vão à biblioteca da escola? Qual a sua interação e de seus alunos com a leitura? Explique. Como você julga o desempenho dos alunos em relação à leitura? Em sua percepção, seus alunos buscam por material de leitura? Em sua opinião, quais as medidas necessárias para incentivar seus alunos a ler?

Neste capítulo, também apresentaremos nosso projeto que foi desenvolvido para que os alunos pudessem desenvolver o gosto pela leitura de forma mais interessante, de maneira que tivemos o cuidado de elaborar atividades que envolvessem a leitura e escrita, mas que também estivessem associados a outras atividades que dariam um caráter de leveza no projeto, de modo que os educandos se envolvessem com mais dedicação a leitura, sem ficar algo cansativo e tedioso.

#### **4.1 Diálogos com a professora: Refletindo sobre a leitura**

A leitura geralmente viabiliza a aprendizagem, pois somos o que lemos. Quem nunca lê ou quem lê muito pouco, não conhece nem o mundo em que vive nem os mundos que podemos “conhecer” (GROXKO, 2008, p. 3).

Partindo dessa premissa, a leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento dos alunos de forma integral, pois se por um lado ela proporciona uma gama de conhecimentos que permite tornar sujeito desalienado, tendo em vista que com a leitura tornamos seres informados, capazes de realizar reflexões que nos levam a compreensão de fatos e acontecimentos em nossa volta, de conhecimento de mundo, de culturas, por outro, nos capacita no desenvolvimento e aperfeiçoamento da linguagem, já que teremos um vocabulário mais rico e diverso, que, por conseguinte propiciará o desenrolar da escrita, pois com a aquisição de saberes e informações absorvidas dos livros que lemos teremos muito mais condições de escrever, e escrever de forma compreensiva e com propriedade, sabendo expor através da escrita o que está nos pensamentos, visto que por meio da leitura atribui-se significado ao que foi lido.

No entanto, no contexto no qual vivemos, que proporciona as crianças e adultos tantos estímulos visuais e sonoros que os aparelhos de comunicação de última geração oferecem, o hábito de ler está cada vez mais em defasagem, tendo em vista que as pessoas preferem assistir uma TV, ficar num celular jogando, do que ater-se a um bom livro, a uma boa leitura. Logo, com essa cultura que nos distancia mais da leitura, o trabalho de um professor em desenvolver a competência de ler torna-se uma tarefa árdua, pois ele terá que usar de estratégias mais eficazes para chamar atenção dos alunos para a leitura de um bom livro tendo assim que competir com jogos dos celulares e demais aparelhos tecnológicos proporcionam. Sobre isso, temos:

A leitura é imprescindível ao processo de decodificação das informações. Entretanto, percebe-se que grande parte da população não desenvolveu habilidades necessárias para uma leitura crítica e reflexiva, não havendo o interesse, o gosto pela leitura, o qual deve ser um “exercício” a ser praticado constantemente, pois é indispensável manter-se informado (GROXKO, 2008, p. 1).

Contudo, no dia a dia de sala de aula, o professor tem a oportunidade de apresentar leitura de variados textos, leituras que servem para se informar, leituras com o universo fictício, leituras que despertam a curiosidade entre outras. Cabe a ele a missão de oportunizar o mais rico e diverso universo de textos para serem lidos, para que assim os alunos possam desenvolver seu lado da fantasia, da imaginação, da satisfação, da curiosidade, da informação, dado que “para o processo de aprendizagem, na escola, a leitura é essencial” (GROXKO, 2008, p. 1).

A docente participante da pesquisa é formada em Letras, Língua Portuguesa, mas possui o curso de magistério. Leciona no Ensino Fundamental I há 16 anos, participando assim de curso de formação continuada. Contudo, está perto de se aposentar, faltando alguns anos, já que antes de lecionar no Ensino Fundamental I, atuou ensinando Língua Portuguesa.

Com isso, na pesquisa realizada com a professora, percebe-se que a docente trabalha a leitura apenas em atividades diárias que requerem a leitura de um pequeno texto para a realização do exercício, já que com novas exigências sociais os livros didáticos têm que apresentar pequenos textos, que contextualizam a atividade, exigindo assim a leitura e compressão do mesmo para a realização do exercício, mas que não os leva a um entendimento mais profundo, pois a interpretação do texto lido apenas servirá para responder uma atividade que foi direcionada pela professora. Além de trabalhar com recortes de textos de jornais e revistas, de forma que a mesma trabalha com textos apenas questões gramaticais e ortográficas. Contudo, considera que a leitura tem um papel importantíssimo na vida dos alunos. Assim diz:

*A leitura é imprescindível para uma boa formação dos alunos, pois é ela que os capacitará para um bom desempenho nas atividades escolares e sociais. Essa é uma nova exigência escolar, formar bons leitores, porque os analfabetos hoje não são apenas aqueles que não sabem decodificar as palavras, são também aqueles que não conseguem entender o que está lendo. (Fala da docente)*

E essa é uma das maiores queixas da docente, pois ela percebe que eles conseguem decifrar o código, mas não possui muitas vezes o entendimento do todo, ou seja, compreender o que estão lendo, tendo muitas vezes que explicar o exercício várias vezes. Logo, percebe-se que a docente reconhece a importância da leitura para vida escolar e social dos alunos, porém seu modo de trabalhar com a mesma ainda se limita a forma tradicional, sendo assim realizada uma leitura coletiva, individual ou silenciosa, que tem por consequência a realização de algum exercício, que pode ou não valer pontos que compõem uma nota. Assim, o ato de ler para os alunos torna-se algo maçante, de forma que eles são obrigados a ler, a realizar um exercício, que, por conseguinte dependerá sua nota. Citando Russo (2001, p. 45) temos:

O professor precisa se conscientizar de que o aluno aprende melhor e assimila com maior facilidade o que lhe interessa mais diretamente. Repetir regras que não podem ser compreendidas não ajuda o aluno e não diz nada nem a ele nem a nós, professores. Somos apenas os medicadores, os orientadores, aqueles que sistematizam a aprendizagem.

E a própria docente se caracteriza como uma educadora tradicional, quando fala:

*Eu me considero uma professora tradicional, não costumo trabalhar de forma diferente a leitura com eles, mas gosto quando chegam estagiárias que trazem novas formas de trabalhar, com novas experiências e metodologias, é que estamos tão desgastadas com um cronograma de conteúdos que temos que seguir que acabamos por nos tornar tradicionais, pois não sobra tempo para preparar uma aula com novas dinâmicas.( Fala da docente)*

Todavia, os profissionais docentes devem ser flexíveis e estarem cientes que esta é uma profissão que não nos permite ficar apenas com os conhecimentos adquiridos na formação, é necessário uma formação continuada, para estarmos sempre atualizados com práticas educativas coerentes com o contexto atual da educação, condizente com as novas exigências da sociedade, para que o nosso papel de formar educando para a vida profissional e social se cumpra, ou seja, o docente é um profissional que nunca pode deixar de se informar e de se renovar em suas práticas, pois temos que seguir a dinâmica do mundo.

Quando o professor se mantém informado acerca das mudanças e das teorias, sua prática é consciente e, portanto, flexível. Isto é, ele dá a si mesmo a oportunidade de questionar, criticar e até mudar suas atitudes, caso haja necessidade. Se não houver tal flexibilidade, fica difícil efetuar mudanças, mesmo que os fatos nos mostrem inadequação de nossa prática (RUSSO, 2001, p. 51).

No que diz respeito à relação dos alunos a seu ver com a leitura a docente nos disse que a maioria possui dificuldades em ler e em escrever corretamente, e que não percebe uma boa relação dos alunos com a leitura.

*Olha os alunos possuem muita dificuldade em ler e escrever, e essas dificuldades vêm de séries anteriores, pois os alunos apresentam essas dificuldades e mesmo assim passam para série seguinte, e quando chegam*

*no 5º ano, não conseguem obter um bom desempenho, e isso afeta muito na aprendizagem deles, porque são conhecimentos que eles já deveriam ter para que os conteúdos previstos para essa série fossem assimilados. Eu faço o possível para que eles se desenvolvam, mas são muitos alunos e eu tenho que seguir o cronograma de conteúdos. (Fala da docente)*

Ou seja, percebe-se que a docente tenta dentro de sua prática educacional promover um melhor desempenho dos alunos no que se refere à leitura e escrita, mas é necessário um trabalho em conjunto, isto é, que os professores desenvolvam um trabalho eficiente com seus alunos para que eles passem para a série seguinte com os conhecimentos necessários para aquisição de novos saberes referente a nova série, e assim possam superar suas dificuldades na leitura e escrita ou qualquer outra área do conhecimento. Assim,

Se a leitura for trabalhada com seriedade desde cedo com as crianças, elas terão menos dificuldades de entender o que lerem. Podemos perceber que algumas pessoas até na graduação, às vezes, sentem dificuldade em entender determinado texto e se tivessem sido incentivadas desde a infância, possivelmente, não passariam por uma situação desse tipo. As consequências que poderão sofrer não estão relacionadas apenas com a escola, mas também com seu dia a dia (FRANCO, s.d, p. 2).

Com relação à biblioteca da escola, percebem-se poucos livros de literatura infantil ou juvenil, tendo em vista que a maioria dos livros da biblioteca são os didáticos, ou seja, de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências entre outras disciplinas, que são distribuídos no início do ano letivo, além de livros para pesquisa como, por exemplo, atlas, dicionários. Inclusive na época em que o projeto foi aplicado a escola estava sem uma bibliotecária, então a sala permanecia fechada, e caso algum aluno precisasse de um livro, uma das secretarias pegaria para o mesmo.

Para tal, ao perguntarmos sobre a frequência dos alunos a biblioteca, a docente nos respondeu que os educandos vão esporadicamente ao espaço, e que apenas alguns alunos se interessavam em pegar um livro literário para ler, e outros apenas para pegar algum livro para realizar atividades escolares. Logo, Silva (1998) apud Franco (s.d, p. 5).

Aponta-nos que alguns professores preferem fazer recortes de livros e revistas para montar apostilas, e acabam deixando de levar seus alunos à biblioteca para que possam pegar livros e realizarem a leitura do mesmo, e por consequência alguns discentes acabam os estudos do Ensino Regular sem terem entrado em uma biblioteca.

Então, é necessário criar esse vínculo dos alunos com os livros, e o melhor lugar é dentro da escola é a biblioteca, mas uma biblioteca que lhes forneça um acervo de livros de diversos tipos de textos, para que assim possam atingir ao mais variado público, para que os alunos se identifiquem com o livro que estão na prateleira e possam desenvolver o hábito de ler. Além do incentivo dos professores, pois estes tem o papel importante no despertar e desenvolver desse hábito. Citando Franco ( s.d, p. 5), temos:

Segundo Silva (1998, p. 22), “[...] sem professores que leiam, que gostem de livros que sintam prazer na leitura, muito dificilmente modificaremos a paisagem atual da leitura escolar. [...]”. Portanto, podemos perceber que o gosto pela leitura deve partir do docente, pois se o mesmo for um leitor assíduo, possivelmente conscientizará seu aluno sobre a importância da leitura no âmbito escolar e na vida em sociedade.

Desse modo, é essencial que os professores desenvolvam o hábito leitor nos alunos, e para isso eles precisam mostrar aos mesmos como ler é importante não apenas sua vida escolar, mas para vida social, desenvolvendo proposta que podem ser aplicadas no dia a dia de sala de aula, prática que propicie aos educandos não apenas a leitura sem sentido para a realização de uma atividade, mas de uma leitura em que eles possam expressar seus pensamentos e visão acerca do texto lido, em que eles possam debater e defender seus pontos de vista, de expor seus pensamentos, apenas assim a leitura estará cumprindo seu papel na formação dos alunos. Dessa forma, os “docentes devem usar métodos que levem os alunos a terem curiosidade para descobrirem o que está escrito nos livros, o que eles podem aprender com determinados texto e assim por diante” (FRANCO, s,d, p. 2). Mencionando Groxko (2008, p. 5).

Lendo, o sujeito entra em contato com a linguagem escrita, o que lhe favorece o “poder” de argumentação e da boa escrita, possibilitando o sucesso em sua vida acadêmica e social.

[...] Pode-se dizer que o livro geralmente abre muitas portas. Abre as portas para o “mundo das ideias”. O homem que lê entra em contato com a sua própria realidade.

E para que essa novas práticas tomem espaço, e ganhem vida no meio escolar é preciso primeiramente que os professores estejam abertos a aprender essas novas práticas, a se informarem e tomarem conhecimentos de saberes que subsidiarão suas novas atitudes em sala de aula. Estando cientes de que a profissão docente lhes exige renovação em sua fazer pedagógico, é hora de por em prática seus saberes adquiridos através de pesquisas acerca de estudiosos da área ou de uma formação continuada, em que primeiramente é necessário

conhecer seus alunos e gostos, para que os livros indicados sejam condizentes com o interesse literário de cada uma, e, por conseguinte a abertura para o diálogo acerca dos textos, e realização de projetos que proporcione uma aprendizagem significativa, tornando-os leitores assíduos e autônomos.

Ler não deve se resumir a decifrar caracteres distinguir símbolos e sinais, unir letras e emitir sons correspondentes: isso é muito mais um trabalho de discriminação visual e auditiva que antecede a leitura propriamente dita. Ler, além de decifrar, é interpretar a mensagem, atribuir a ela uma vivência pessoal e interiorizá-la (RUSSO, 2001, p. 213).

#### **4.2 Práticas de leitura desenvolvida no 5º ano: Mediando a leitura**

O domínio e a apropriação da leitura e escrita é fundamental para formação dos educandos, tendo em vista as novas exigências da sociedade, que prima por pessoas competentes, com habilidade em várias áreas do conhecimento. Logo,

Aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com pensar e o agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer. Portanto, o conhecimento da lecto-escrita pela criança se dá a partir do contato entre esta criança e os objetos escritos (RUSSO, 2001, p. 27).

No mesmo modo, consciente da importância de aproximar as crianças desde a tenra idade, para que as mesmas desenvolvam o gosto por ler, de maneira que elas percebam que através da leitura estão entrando no mundo da fantasia, da imaginação, viajando através dos pensamentos que elas realizam ao lerem um texto ou livro, despertando a curiosidade delas pelo mundo das letras. Como também, “a criança precisa entender a função social da escrita e a importância da linguagem oral e se sentir livre para se comunicar pela escrita e pela fala: seu texto não existe para ser corrigido, mas para ser lido e entendido” (idem, p. 34).

Neste sentido, procuramos uma forma de mediar a leitura, por meio de um projeto, no qual intitulamos de “*Quem conta um conto, aumenta um ponto*”, que pudesse desenvolver habilidades e estratégias de leitura e escrita, vendo o projeto como incentivo para a escola em desenvolver outros projetos, com o intuito de promover o prazer por ler e adentrar com mais profundidade no mundo que a leitura proporciona, de modo que a leitura de textos de variados gêneros estivesse mais presente no cotidiano não apenas escolar, mas também em seu hábitos caseiros.

Como isso, com a finalidade promover atividades que envolvesse a leitura, realizando ações de para este fim, desenvolvemos um projeto que contou com propostas práticas pedagógicas que favorecia o ato de ler, de modo que o público alvo desta ação foi alunos do 5º ano A de uma escola da rede municipal de ensino, localizada em João Pessoa.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm o contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores proficientes e práticas de leituras eficazes (BRASIL, 1997, p. 55).

O projeto é um direcionamento que possibilita a formação de educandos leitores, os capacitando a participação de várias atividades, visto que “os projetos são situações em que linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos de inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos” (idem, p. 62). E foi nessa perspectiva que elaboramos o projeto, para que o mesmo pudesse oferecer momento de exposição oral, de produções escritas, de trabalho coletivo, de leituras de outras histórias que os possibilitaria rescrever a história, e de ter contato e conhecimento de livros com histórias fascinantes. Em razão disso,

A característica básica de um projeto é que ele tem um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa num produto final em função do qual todos trabalham. Além disso, os projetos permitem dispor de um tempo de uma forma flexível, pois o tempo tem o tamanho necessário para conquistar o objetivo: pode ser de alguns dias ou e alguns meses (BRASIL, 1997, p. 62).

A vista disso, nosso projeto teve a duração de algumas semanas, de forma que utilizávamos as duas últimas aulas do 5º A, do turno matutino, composta por 26 alunos, nos dias disponíveis pelo estágio, no caso todas as quintas-feiras. Assim, dividimos nosso projeto em etapas, em que cada etapa correspondia a uma atividade prática direcionada com intuito de desenvolver a gosto pela leitura. “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu digo vivendo” (MARTINS, 2003, p. 14).

Elaboramos um projeto que atendesse às necessidades dos alunos na leitura, de forma que eles tivessem prazer em ler o livro escolhido e participar das diversas atividades envolventes no projeto, proporcionando aos mesmos uma nova visão com relação a leitura e escrita. Tendo em vista que, a faixa etária dos alunos que era de 10 a 13 anos, já que a sala possuía alunos especiais, como dois cadeirante, e um com Síndrome de Down.

E assim realizamos um projeto que despertou o interesse pela leitura e pela a escrita, tendo em vista que uma das atividades do projeto era para os alunos reescreverem a história do livro utilizado, que foi “A árvore generosa”, do autor Shel Silverstein, traduzido por Fernando Sabino.

Para tal, o nosso projeto de leitura, “Quem conta um conto, aumenta um ponto”, promoveu aos educandos oportunidade de:

- Valorização da leitura como uma fonte de prazer;
- Interesse por compartilhar opiniões, ideias;
- Desenvolvimento de estratégias de argumentação, para defender ideias e pontos de vista sobre o livro lido;
- Desenvolvimento de ideias, e criação de uma história.

## PLANO DE AÇÃO

Reunião prévia com a professora, para esclarecimentos sobre o projeto e pedido de sugestões; iniciar o dia da leitura na escola, através de algumas ações de motivação sobre a importância da leitura.

Voltamos a escola com o projeto em mãos e apresentamos a professora, para ela analisar e observar se de fato o nosso projeto atendia e contemplava as necessidade dos discentes. Ela gostou bastante do nosso projeto e disse que a turma e ela estavam a nossa disposição, e que o nosso trabalho também iria fazê-la refletir na sua postura enquanto professora, pois ela nos falou que muitas vezes se sentia uma professora muito tradicional.

### **1º etapa: Ponto de partida<sup>1</sup>**

Primeiramente conversamos com os alunos para explicar a dinâmica do projeto. Em seguida pedimos que todos focemos para a biblioteca da escola, para assim criar um vínculo maior dos alunos com os livros e com o espaço. Ao chegarmos lá e todos se acomodarem, começamos a desenvolver nosso projeto com informações referentes ao livro, mostramos a capa, falamos sobre o autor, quem ele foi, onde nasceu, quando ele escreveu esse livro, conversamos ainda sobre as ilustrações, o tradutor, e como esse livro era interessante e especial. Neste primeiro momento, tivemos a intencionalidade de situar os educandos em

---

<sup>1</sup> Ver apêndices, p. 64

relação ao livro que elas irão ouvir a história, e despertar o interesse a curiosidade deles, para que fiquem atentos à leitura do livro. Assim

é necessário que os alunos saibam quem é o autor da história que estão lendo, assim irão conhecer o perfil dos textos que o mesmo escreve. Esse trabalho de apresentação do autor pode ser feito pela própria docente dentro da biblioteca, pois a mesma poderá levar seus alunos até lá, e em seguida apresentar-lhes os clássicos da literatura infantil e se acaso surgirem novas curiosidades a respeito de outros autores, essa discussão poderá ser retomada, porque, muitas vezes, a criança adora um determinado texto, mas não sabe sequer quem escreveu o mesmo (ABRAMOVICH, 1997 apud FRANCO, s.d, p. 8).

Aproveitamos este primeiro momento para fazermos algumas perguntas, como se eles conheciam a história do livro, ou se já tinham ouvido falar nesse livro, etc., para já iniciarmos de maneira muito discreta a introdução ao tema que seria trabalhado. No intuito de criar um movimento de troca de ideias, considerações e indicações entre as crianças, usando, quando necessário, uma pergunta ou outra com cada criança na roda. Com isso, as crianças começaram a compartilhar suas primeiras impressões sobre a leitura que seria realizada. Logo após essa conversa prévia demos início à leitura, de forma que esta foi compartilhada com todos, ou seja, todos tiveram a oportunidade de ler um trecho do livro.

Depois da leitura do livro, dividimos os educandos em dois grupos mesclando meninos e meninas, em que foi solicitado que eles criassem um nome para o seu grupo, no entanto eles preferiram intitular os grupos como grupo A e Grupo B. Então foi desenvolvida a brincadeira do “passa ou repassa”, onde cada grupo teve a oportunidade de juntos resolverem as charadas, sendo que quando o grupo A não sabia a resposta, passava para o grupo B e assim sucessivamente.

### **Charadas**

1.Sou a fruta que a bruxa ofereceu a Branca de Neve. Quem eu sou?

R: Maçã.

2. Sou composta por raiz, caule, folhas, flores e frutos. Quem eu sou?

R: Árvore

3. Sou uma árvore que dou frutos. Portanto sou uma árvore...

R: Frutífera.

4. Como se chama a árvore que dá maçãs?

R: Macieira.

5. Existem várias árvores que dão frutos. Cite o nome de três árvores frutíferas.

6. Como se chama a parte das árvores que ficam abaixo da superfície do solo?

R: Raiz.

7. Qual a árvore que tem todas as vogais no nome?

R: Cajueiro.

Terminado esse primeiro momento, passamos as informações para a produção do livro pelos alunos, de modo que essa história elaborada por eles tinha como base a história do livro que lemos “A árvore generosa”, que eles podiam buscar inspiração nos outros livros que levamos, já que confeccionamos uma sacola literária com vários livros. “De modo geral, o professor precisa levar a criança a raciocinar sobre a escrita e, para isso, e, ele deve criar um ambiente rico em materiais em atos de leitura e escrita, incentivando-os” (RUSSO, 2001, p. 33).

Dessa maneira, fizemos uma nova divisão dos alunos em grupos, foram assim formados 4 grupos, de forma que cada um ficou incumbido de escrever uma parte da história que viraria um livro. Assim, grupo A ficou com a primeira parte da história. Então, eles tinham que começar a história a partir do seguinte fragmento do livro: “Era uma vez...”.

Os alunos se interessaram e se empenharam em criarem uma nova história, tanto que o primeiro grupo antes de sairmos da escola já estava nos mostrando um pequeno texto que eles escreveram. Uma vez que “a leitura é resultado da interação entre o que o leitor já sabe com as informações que ele consegue retirar do texto” (FULGÊNCIO e LIBERATO, 2003 apud FRANCO, s.d, p. 3). Contudo, essa relação entre leitor e texto “só acontece quando os alunos realmente leem e conseguem retirar a essência do texto, mas é necessário que o professor ofereça aos mesmos livros pelos quais se interessam, assim estará motivando-os a ler” (FRANCO, s.d, p. 3).

Então, lemos essa parte e estava muito boa, pedimos que continuassem a escrever que na próxima visita iríamos ler novamente o restante da história deles. Já que a leitura é resultado da interação entre o que o leitor já sabe com as novas descobertas.

## **2º Etapa: leitura da história e atividade em grupo<sup>2</sup>**

Chegamos à sala e nos direcionamos para o ginásio da escola onde começamos a aplicação dessa segunda etapa com a correção superficial da primeira parte da história elaborada pelos alunos, de forma que apenas trocamos algumas palavras ou modificamos um pouco o final para que assim o próximo grupo pudesse dar continuidade à história. Na correção, tivemos a participação dos alunos para que eles opinassem acerca da história

---

<sup>2</sup>Ver anexo 1, p. 69; Anexo 2, p. 78

elaborada pelos colegas, de forma que eles podiam trocar algumas palavras, para que a história ficasse mais coerente entre outras coisas, ou seja, foi aberto um momento para o diálogo, no qual a turma opinou, fizeram algumas sugestões, nós fizemos algumas observações, mas sempre voltadas para um olhar construtivo, para deixá-los bem à vontade.

Assim, o professor não precisa trabalhar necessariamente com cada aluno, mas sim permitir-lhes a comunicação, que é o principal instrumento da didática da aprendizagem da alfabetização. Isso demonstra a valorização do trabalho numa classe heterogênea e o quanto ele é viável [...] (RUSSO, 2001, p. 33).

Apresentamos a árvore generosa, confeccionada de material emborrachado, e explicamos como seria desenvolvido o circuito, para encontrarem as maçãs. Os alunos estavam divididos em dois grupos, os mesmos da atividade das charadas, e assim tinham que encontrar as 24 maçãs feitas de papel A 4, que estavam distribuídas pelo ginásio da escola.

Para que as maçãs que eles encontrassem fossem contadas como válidas, eles tinham que escreverem uma frase relacionada com a natureza, já que a história do livro que escolhemos tem caráter reflexivo acerca de questões ambientais, para depois colar as maçãs na árvore. Depois que todas as maçãs foram encontradas, fomos contar, lembrando que apenas valeriam as maçãs com alguma frase escrita. Nesse momento, aproveitamos para realizar algumas correções ortográficas com os alunos, já que os mesmos haviam escrito algumas palavras incorretamente. Nessa atividade desenvolvemos a capacidade de escrita e leitura.

Encerramos essa etapa entregando a primeira parte da história já corrigida para os alunos do grupo B, solicitando a segunda parte da história.

### **3º Etapa: Refletido e compartilhando saberes**

Nesta etapa, voltamos à escola e realizamos a correção da segunda parte da história escrita por eles, também aproveitamos para tirar algumas dúvidas dos alunos, com relação ao andamento da história, como se estava bem escrita e com sentido, para que o próximo grupo pudesse prosseguir com penúltima parte da história. Assim, percebemos que o texto, apesar de erros ortográficos, estava com uma boa linha de pensamento e compreensível. “Entende-se como alfabetizada a criança que dominou a base alfabética do sistema de escrita, que lê com compreensão e escreve textos com sentido possíveis de serem lidos, mesmo que apresentem erros de ortografias” (FERREIRO e TEBEROSKY apud RUSSO, 2001, p.32).

Esse dia foi muito proveitoso, tendo em vista o envolvimento dos alunos, também aproveitamos para conversar com a professora, que nos informou que os alunos realmente estavam muito dedicados e envolvidos com a atividade, pois, segundo a mesma eles pediam sempre um tempinho da aula para realizarem uma leitura e também a atividade do nosso projeto. Nesse dia também encaminhamos a terceira parte para os alunos darem continuidade à produção do livro proposto pelo projeto.

No entanto, na escola, algumas crianças ficam bloqueadas para a leitura, principalmente quando são apresentados a textos poucos significativos para elas. A sala de aula deve dar continuidade à leitura prazerosa, aquela que estimula a criança, que aguça sua curiosidade, sensibilizando-a de alguma maneira. As crianças demonstram ser leitores atentos, curiosos e observadores desde que o material a se lido seja interessante e desafie sua inteligência (RUSSO, 2001, p. 213).

E foi o que quisemos propor aos alunos com o nosso projeto, uma leitura que tomasse sua atenção e que fizesse parte sua vida, ou seja, uma leitura de um livro simples, com linguagem simples, mas com uma ideia que nos dava margem para discutir e recriar a história, dando assim o ponto de vista das crianças de mundo e do livro. E assim cumprir com o papel social que a leitura possui, que é informar e fazer com que as pessoas reflitam e sejam capazes de opinar, de expor suas ideias a partir da ideia extraída da leitura, isto é, “o ensino crítico da leitura deve mostrar que os livros nada mais são do que a expressão do pensamento, sujeitos a erros passíveis de serem aprofundados e questionados” (SILVA, 1998 apud FRANCO, s.d, p. 5).

#### **4º Etapa: Soletrando, ludicidade e aprendizagem<sup>3</sup>**

Começamos esta etapa com a correção da terceira parte da história, da mesma forma que foi descrita anteriormente. Ressaltando que em todas as correções realizadas os alunos participaram de forma ativa, emitindo suas opiniões acerca de cada parte da história que estava sendo reescrita.

Em seguida, fomos para o ginásio da escola, apresentamos a árvore confeccionada de bolas de festa, explicamos a dinâmica da atividade, e depois nós pedimos que um aluno de cada grupo, por vez, fosse até a árvore confeccionada de balões de festa, e escolhesse um balão e depois estourasse, para pegar um pedaço de papel que estava dentro do balão. No pedaço de papel continha um número, este correspondia a uma palavra na qual eles tinham que soletrar, de forma que tiveram a ajuda dos seus colegas do grupo. Quando o aluno errava a palavra soletrada a vez era passada para o outro grupo, e assim sucessivamente até soletrar a palavra corretamente.

---

<sup>3</sup> Ver apêndices, p. 65

Nessa etapa, os alunos se divertiram muito, pois queriam acertar as palavras, e para eles era emocionante ver o colega soletrar a palavra sorteada, de maneira que todos ficavam atentos para constatar se a palavra estava certa ou errada, e aprenderam brincando como se escreve corretamente cada palavra sorteada.

Para contabilizar o número de palavras soletradas corretamente, confeccionamos um cartaz com o nome de cada grupo, ou seja, grupo A grupo B. Claro que nossa intenção não foi de criar um clima de competitividade nos alunos, apenas incentivá-los a participarem.

Com essa atividade, trabalhamos suas capacidades de atenção, de trabalho em grupo, como também desenvolvemos a capacidade de escrever corretamente as palavras, já que estavam trabalhando isso oralmente. É interessante observar como o planejamento prévio e o desenvolvimento de atividades diferentes e até a mudança de um ambiente para outro faz com que os alunos se sintam mais estimulados a participarem e cooperar, tornando-os de fato sujeitos participativos no processo de ensino-aprendizagem.

Como podemos fazer diferentes coisas com a leitura, é necessário articular diferentes situações- oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada- e encontrar textos mais adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento. A única condição é conseguir que a atividade de leitura seja significativa para as crianças, corresponda a uma finalidade que elas possam compreender e compartilhar (SOLÉ, 1998, p. 90).

No final, solicitamos a quarta parte da história.

#### **Palavras utilizadas no soletrando**

- |              |                |               |
|--------------|----------------|---------------|
| 1. Amizade   | 11. Amava      | 21. Brincar   |
| 2. Generosa  | 12. Dinheiro   | 22. Cortou    |
| 3. Ramos     | 13. Menino     | 23. Sombra    |
| 4. Galhos    | 14. Subir      | 24. Depressa  |
| 5. Velho     | 15. Cansado    | 25. Folhas    |
| 6. Alegre    | 16. Longe      | 26. Tronco    |
| 7. Frutos    | 17. Viajar     | 27. Árvore    |
| 8. Triste    | 18. Feliz      | 28. Maçãs     |
| 9. Barco     | 19. Estremeceu | 29. Sossegado |
| 10. Floresta | 20. Desculpa   | 30. Balançar. |

### **5º Etapa do projeto: Leitura final e elaboração dos desenhos<sup>4</sup>**

Nesta etapa, corrigimos a última parte da história, de forma que como foi descrita anteriormente, lemos a respectiva parte da história e perguntamos aos demais se eles concordavam com o final da história e se queriam acrescentar algo, e de forma democrática eles mudaram algumas partes da história, chegando assim de forma coletiva ao final da história criada por eles. Assim uma leitura de revisão

É uma leitura crítica, útil, que nos ajuda a aprender a escrever e em que os componentes metacompreensivos tornando-se muito evidentes. No contexto escolar, a auto-revisão das próprias reações escritas é um ingrediente imprescindível em um enfoque integrado do ensino da leitura e da escrita, útil para capacitar as crianças no uso de estratégias de redação de textos (SOLÉ, 1998, p. 96).

Logo após, os alunos começaram a elaborar os desenhos que compõem a ilustração história criada por eles. Então, levamos para a sala de aula todo o material necessário para que os desenhos fossem realizados, baseados na história que eles escreveram, de maneira que os desenhos ficassem de acordo com a sequência de história.

Muitos, nesta ocasião, revelaram sua aptidão para artes, alguns se mostravam inseguros, mas os encorajávamos todo o tempo a não se basearem em desenhos prontos, mas sim deixassem a criatividade fluir e assim realizassem um desenho único.

### **6º Etapa: Culminância do projeto<sup>5</sup>**

Para encerramos o projeto, “Quem conta um conto, aumenta um ponto”, preparamos uma singela comemoração com os alunos participantes. Na ocasião, a professora titular, convidou a professora e os alunos do 5º B, para participarem desse momento, e também estava lá para prestigiar a todos a gestora da escola.

A atividade foi aplicada no ginásio da escola, que já estava devidamente organizado para o evento. Iniciamos nossa fala com um sincero agradecimento a todo corpo docente que nos recebeu tão bem, nos auxiliou colaborando para que o projeto fosse executado da melhor forma possível, a professora que tão prontamente nos deu total liberdade de atuarmos dentro e fora da sala de aula, nos deu alguns conselhos através da sua experiência profissional, e nos mostrou o melhor caminho para que o projeto alcançasse êxito. Na sequência, dirigimos nossa fala aos alunos, nossos principais atores do projeto, que tanto nos ajudaram, empenhando-se

---

<sup>4</sup> Ver anexo 3, p.81

<sup>5</sup> Ver anexo 4, p.90 ; anexo 5, p. 115.

em realizar as atividades propostas, o envolvimento dos alunos foi fundamental para alcançarmos nossos objetivos.

Um dos desígnios do projeto resultava na composição de um livro escrito e ilustrado pelos próprios alunos, o que os incentivou muito, ao longo do projeto, de forma que entregamos na ocasião os livros por eles desenvolvidos do início ao final do percurso do projeto, sofrendo apenas as devidas correções. Todo o enredo e ilustração foram preservados, configurando a autoria exclusiva dos alunos participantes.

Para a entrega do livro e certificado foram convidadas a gestora da unidade escolar, e a professora responsável, que assinaram o certificado dos alunos e fizeram as devidas honras. Sendo assim, a gestora gostou bastante de nossa proposta e pensava até em desenvolver uma proposta similar que englobaria todas as séries do turno da manhã, pois fomos as únicas estagiárias que conseguiram desenvolver um projeto cujo resultado final pôde ser visto pela escola, no caso o livro, que foi elaborado pelos alunos.

Como não poderia deixar de ser, a professora responsável pela turma na qual desenvolvemos o projeto, estava no local, e fez seu discurso. Tendo em vista que, a mesma havia dito, em nossa primeira visita à sala de aula, que a principal dificuldade da turma era ler e interpretar textos. Porém com o projeto, os alunos conseguiram avançar nesse quesito, haja vista que eles escreveram uma nova história tendo como base a história do livro que foi trabalhado, ou seja, estava aí a prova de que eles não apenas decodificaram as palavras como conseguiram compreender a história e dar a ela uma nova roupagem. Desse modo, terminou seu discurso dizendo que esse projeto serviu como incentivo para que eles possam se interessar mais pela leitura, e que os certificados que receberam de leitor era com certeza o primeiro de muitos.

Um fator que sem dúvida contribui para o interesse da leitura de determinado material consiste em que este possa oferecer ao aluno certos desafios. Assim, parece mais adequado utilizar textos não-conhecidos, embora sua temática ou conteúdo deveriam ser mais ou menos familiares ao leitor; em uma palavra, trata-se de conhecer e levar em conta o conhecimento prévio das crianças com relação ao texto em questão e de oferecer a ajuda necessária para que possam construir um significado adequado sobre ele[...] ( SOLÉ, 1998, p. 91).

Ao término desta solenidade, os alunos foram convidados a participar de uma singela confraternização, oferecida por nós graduandas autoras do projeto, concluindo assim o projeto com a sensação de termos alcançado o objetivo proposto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, é possível observar que as escolas brasileiras incluem, no seu cotidiano ações de incentivo à leitura, algo ainda “novo” no sentido da amplitude e importância desta ação. Tratando-se, portanto de uma prática que deve estar associada ao processo de ensino aprendizagem proposto e desenvolvido pelos professores em sala de aula.

Neste sentido, ao iniciarmos este trabalho, não tínhamos a dimensão da proporção que o mesmo tomaria, e da sua importância para nossa formação, na condição de futuras educadoras. Foi-nos possível ampliar os nossos horizontes em relação ao vasto campo da leitura, ao ato de ler em si e, principalmente, às obras literárias produzidas para crianças. Reconhecemos assim, que existem inúmeras possibilidades de se trabalhar gêneros literários diferenciados, não tendo que se ater somente aos conhecidos Clássicos Infantis, não que estes não sejam proveitosos, porém existe um vasto campo a ser explorado, lançando novas perspectivas e descobertas para os educandos.

Desse modo, recebendo a orientação adequada por parte dos professores, e sendo auxiliados, os alunos se descobrirão como leitores, pois sabemos que as habilidades da leitura e escrita não são inatas aos educandos, mas desenvolvidas e aprimoradas durante os anos de estudo na escola. Também não é inerente aos alunos a capacidade de procurar informações, coordená-las, e transformar o que leu em um novo conhecimento, agregado ao que já sabia sobre determinada realidade.

Assim, oportunizar um ambiente que leve os alunos a despertar para a leitura, ou seja, para o prazer de ler, implica proporcionar-lhes um instrumental necessário para que eles estejam preparados para continuar aprimorando saberes durante futuras atividades de seu cotidiano.

Com isto, nossa intencionalidade ao realizarmos esta atividade no 5º ano A, foi a de oportunizar as crianças dessa turma, uma experiência única, em que o livro foi até elas, e as mesmas tiveram a oportunidade de reunir-se em grupo, para ouvirem uma história, de forma prazerosa, cuja leitura não foi por obrigação ou imposição, mas um momento de descontração, descobertas, conversas e trocas de experiências.

Sabemos que a leitura está intimamente relacionada ao sucesso pessoal de cada indivíduo, promovendo sua atuação no ambiente social ao seu redor. A prática da leitura e do ler bem, proporciona a cada indivíduo oportunidades únicas de conduzir-se em sua jornada, em seu processo de autoconstrução do conhecimento e realizações pessoais e profissionais.

Compreendemos também a importância e contribuição do professor nesta caminhada, e principalmente a seriedade da utilização de métodos e práticas de leitura que desenvolvam a construção do conhecimento, influenciando de forma direta e positiva a formação do educando leitor, auxiliando assim a construção da sua relação com a leitura e os livros, envolvendo os processos que submergem de forma direta ou indireta a concepção que ele terá do ato de ler.

Portanto, esta pesquisa nos possibilitou refletirmos sobre a teoria proposta nos documentos oficiais e a prática exercida em sala de aula. Discorrer sobre esta temática nos possibilitou enxergarmos o impacto do entorno social, sobretudo da representação da leitura no espaço da sala de aula na atualidade e nas condições dos educandos no que concerne os seus aspectos sociais e culturais, é preciso focar na leitura, na sua utilização e no papel que ela exerce no âmbito doméstico, educacional e social na vida de cada educando.

Propomos, desta forma, chamar atenção para uma educação sob novos pilares que busquem considerar e observar o educando na prática, como sujeito do seu processo de aprendizagem e como um ser capaz de produzir saberes, conhecimentos, e, sobretudo tornarem-se críticos e participativos na sociedade ao qual estão inseridos, resistindo, assim, a ideologias dominadoras ainda presentes em nossa sociedade.

Em resumo, concluímos este trabalho defendendo que, para uma criança interessar-se pela leitura, é necessário que ela perceba que a leitura não é uma obrigação e sim uma satisfação, e este momento pode e deve ser oportunizado a ela de maneira muito simples, prazerosa, mas significativa e com intencionalidade. Cabe ao educador criar condições favoráveis para que este processo aconteça da melhor forma possível, em que o mesmo deve possuir habilidades necessárias para potencializar o desenvolvimento dos educandos, garantindo-lhes que adquiram uma visão crítica da importância do ato de ler, pois só assim conquistarão o benefício total que a leitura pode lhes oferecer, uma educação democrática e emancipatória de qualidade.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI Glória. **Literatura: A formação do leitor: Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARELARO, L. R. G.. **O Ensino Fundamental no Brasil: avanços, perplexidades e tendências**. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em: 20 de out. de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Decenal de Educação para Todos**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002599.pdf>>. Acessado em: 20 de Agosto de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretária de Educação Fundamental**. -Brasília: MEC/SEF, 1997.

BACHA, Magdala Lisboa. **Leitura na primeira série**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1975.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990. p. 108.

CHARTIER, Roger (org.) As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das luzes**. 3ed. São Paulo: Companhia das letras, 1991. P. 113-161.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1993.

FISHER, Steven R. **História da Leitura**. Tradução: Cláudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FRANCO, Maiara Buschini. **Dificuldades encontradas pelos professores em incentivar a leitura nos alunos de 1º e 2º das series iniciais**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10080468-Dificuldades-encontradas-pelos-professores-em-incentivar-a-leitura-nos-alunos-de-1o-e-2o-das-series-iniciais.html>>. Acessado em: 28 de Julho de 2016.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, 1985. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo).

- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 24, v. 4, Dimensão, nov./dez. de 1998. p. 34.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação: o que é preciso para bem escrever**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à leitura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneiro, 1991.
- GROXKO, Crislaine Maria. **Leitura na escola: percepção de professores e alunos de 4ª e 8ª série**. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/471\\_888.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/471_888.pdf) . Acessado em: 26 de Setembro de 2016.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Leitura em crise na escola**. São Paulo: Mercado Aberto, 1982.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LEWGOY, Alzira Maria Batista; REIDEL, Tatiana. **Diário de Campo: O que é? Para que se serve? Como elaborar?**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psicologia/graduacao/servico-social/comgrad/comissao-de-estagios/DiariodecampoModelo.pdf>. Acessado em: 12 de Junho de 2016.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola – sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros**. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acessado em: 12 de Junho de 2016.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARTINS, Vicente. **O papel do professor na formação de bons leitores**. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&id=193:o-](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&id=193:o-)

[papel-do-professor-na-formacao-de-bons-leitores&Itemid=23](#)>. Acessado em: **20 de outubro de 2016.**

M OLL, J. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender.** Porto Alegre: mediação, 1996.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Analfabetismo funcional;** Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>>. Acesso em 29 de Junho de 2016.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil.** São Paulo: Ícone, 1986.

RIBEIRO, Ana Elisa: **Habilidade com a leitura e a escrita.** Disponível em:[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/ana\\_elisa\\_ribeiro\\_habil\\_leitura.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/ana_elisa_ribeiro_habil_leitura.pdf). Acesso em: 21 Setembro. 2016.

ROCCO, Maria Tereza. **A Importância da Leitura na Sociedade Contemporânea e o Papel da Escola nesse Contexto.** Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_13\\_p037-042\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p037-042_c.pdf)>. Acesso em 22 Agosto. 2016.

SCHWARZBOLD, Caroline. **Desenvolver a competência leitora: desafio ao professor do ensino fundamental.** Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/letras-pos/especializacao/files/2012/02/Desenvolver-a-compet%C3%Aancia-leitora-desafio-ao-professor.pdf>>. Acessado em: 15 de Outubro de 2016.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **A produção da leitura da literatura na escola: pesquisas x propostas.** São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Leitura na escola e na biblioteca: leitura e conscientização.** Campinas: Papirus, 1986.

\_\_\_\_\_. **Leitura e realidade brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos Teóricos e Estratégias de Leitura: suas implicações no ensino.** Maceió: Edufal, 2005.

SOARES, Magda. Letramento um tema em três gêneros. IN: **Verbete letramento em verbete: O que é letramento?** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.9-25.

SOLÉ, Isabel. Para compreender... Antes da leitura. In: **Estratégias de Leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

RUSSO, Maria de Fátima; VIAN, Maria Inês Aguiar. **Alfabetização: um processo em construção.** 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças:** para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 2 ed. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. 3ed. São Paulo: Ática, 1987.

# APÊNDICES

**Universidade Federal da Paraíba****Centro de educação****Roteiro**

## Perguntas da pesquisa

Escola:

Serie: 5º ano A

- 1) Qual seu conceito de leitura ?
- 2) Como você vê a relação dos seus alunos com a leitura?
- 3) Você indica algum tipo de leitura específica para seus alunos, ou deixa livres? Qual?
- 4) Na sua visão, qual a importância da leitura no processo de formação escolar dos alunos?
- 5) Com que frequência seus alunos vão à biblioteca da escola?
- 6) Qual a sua interação e de seus alunos com a leitura? Explique.
- 7) Como você julga o desempenho dos seus alunos em relação à leitura?

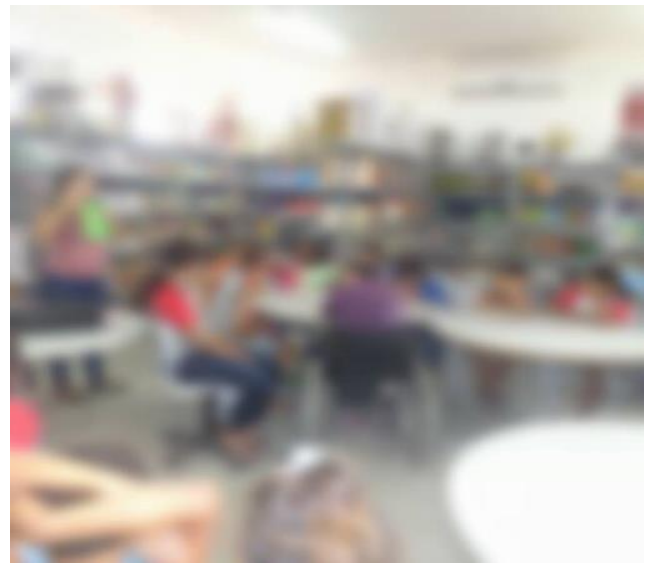
- 8) Em sua percepção, seus alunos buscam por materiais de leitura?
  
- 9) Em sua opinião, quais as medidas necessárias para incentivar seus alunos a ler?

## FOTOS

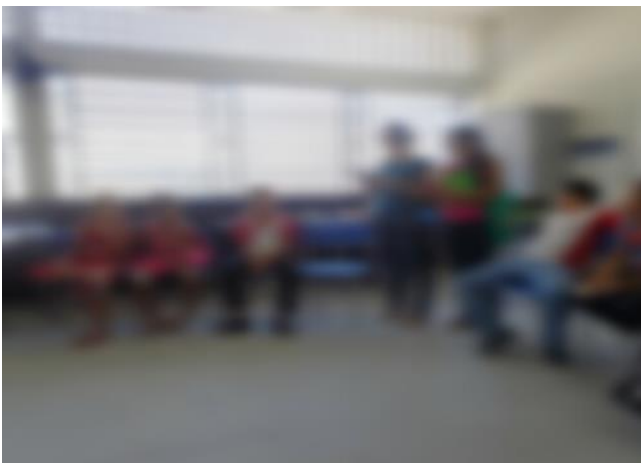
### *Material Utilizado*



### *Início da aplicação do plano*



### *Charadas*

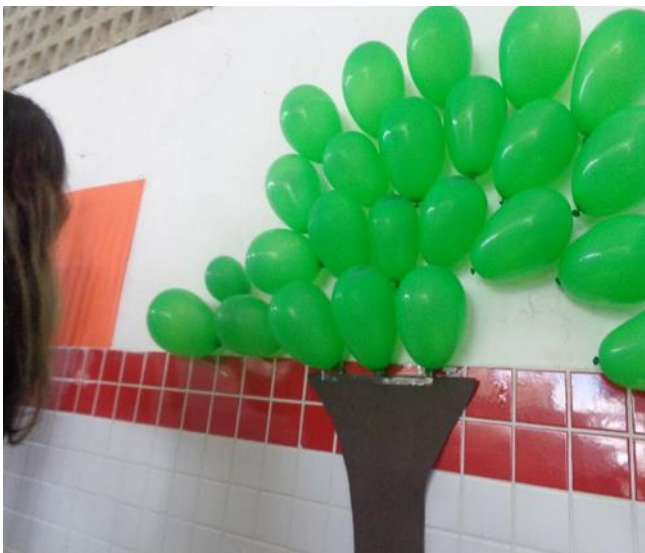


*Atividade das Maçãs*



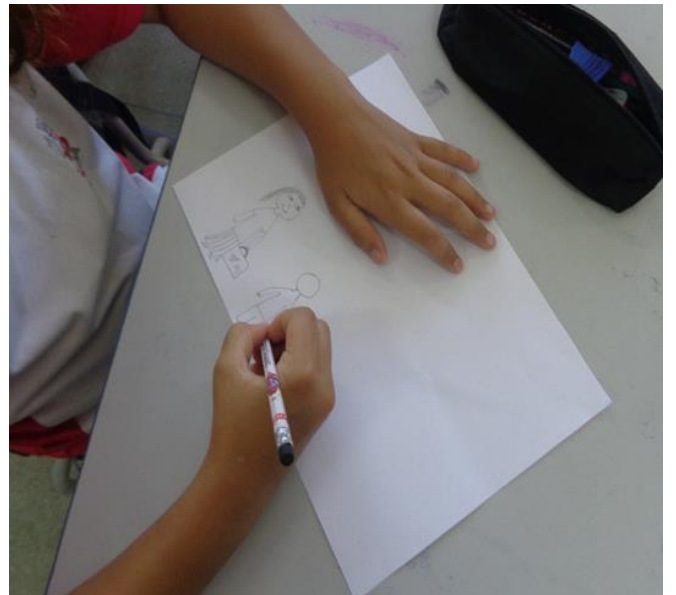
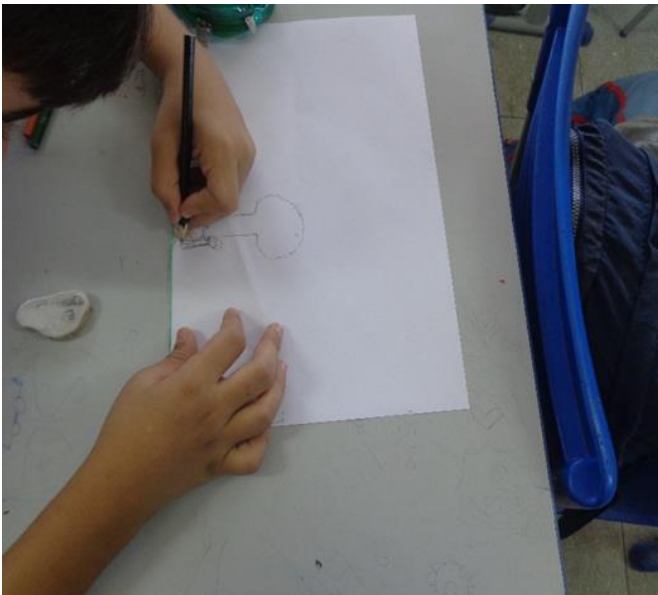
*Soletrando*







*Atividade dos Desenhos*

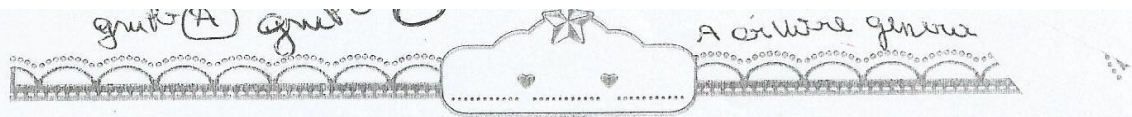


*Confraternização (Encerramento)*



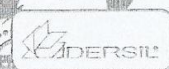
**ANEXO 1**

**PRODUÇÃO TEXTUAL**



Era uma vez uma árvore que amava um menino.  
 E todos os dias o menino vinha. E visitava a árvore  
 genealógica sem que um dia o menino tivesse  
 que virasse. Para bem sabe e não podia virar a árvore  
 mas a árvore ficou tão triste que começou a cair folhas  
 sem que um dia quando o colega do menino passou por  
 lá viu a árvore toda se acaibar ficando sem folhas e  
 acaibar. Para então o menino que amava a árvore  
 quando a notícia chegou pela carta o menino ficou  
 triste que não queria como nos meses e acaibar o  
 menino jogando de casa. Para mais com a árvore desta  
 maneira um dia zela notou a falta de seu neto e o meni-  
 no ficou sem mesmo e de se e a mãe começou  
 a busca certa tarde o menino chegou na árvore  
 a árvore ficou tão alegre que começou a cair folhas  
 e a árvore disse dentro de casa estava vendo  
 que você está muito cansado deve ir. Precisa  
 voltar. minha família está lá. Precisa voltar.  
 Amor árvore e a árvore respirou temida ti-  
 comer

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



... A árvore disser

— Se eu não venha descansar, o menino foi a náda de sair ele falou para a árvore.

— Adeus árvore até Deus quiser! di a árvore disse.

— Até!

O menino voltou para a casa quando ele chegou em casa.

Mãe dele deu um abraço bem grande e um beijo.

Depois de 5 anos, ele voltou até a árvore e ele não era mais um menino. Era apenas um adolescente.

Quando ele chegou até a árvore e a árvore falou a esturmar, daí ele falou.

— Minha menino venha descansar. e ele respondeu.

— Está bom mais só alguns minutos.

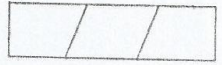
Ele ficou um bom tempo daí ele se despediu de novo da árvore. E saiu.

Quando ele voltou era com a namorada e ele levou ela até a árvore e fez o nome dele e dela na árvore. Depois ele saiu de novo. É da outra vez que ele

veio até a mulher dele e agora também o filho e fez o nome do filho dele.

O tempo passou e o menino cresceu e  
menino passou de ir visitar a avó - certo  
dia. Ele voltou já adulto com seu filho  
já grande e sua esposa e ele disse para  
o filho que quando era pequeno todo dia  
ia visitar a avó e subia no tremão  
e se balançava nos seus galhos e comia  
suas frutas quando foi morar no  
bosque ele passou a visitar a avó  
~~todos~~ todos os dias ~~ela~~ ia com seu filho  
visitar a avó para seu filho ficar  
amigo da avó e eles juntos com  
ela, quando eles tiveram seus filhos botar  
na avó para que ela não fique sozi-  
nha sem nenhuma companhia, porque quando  
o vovô visitar ela ficar muito alegre  
e não ficar triste.

S	T	Q	Q	S	S



Quando o menino chegou em casa, a sua mãe e a sua avó ficaram perguntando onde ele estava, o menino respondeu em estado resistendo uma doença que eu gostava muito, então a sua mãe disse onde é a doença que está gostando muito? ele disse fica em um lugar bem longe da qui, então a mãe respondeu nunca mais faça isso comigo não vou permitir mais, então seu filho respondeu mãe eu não vou lá mais, pode filho mais dessa vez? eu não vou deixar lá. Então certo dia o menino foi visitar a avó e quando eles chegaram lá a avó estava cheia de galhos e as suas folhas estavam muito verdes, quando ele se aproximou da avó, ela ficou muito alegre e disse várias coisas minhas galhos menina e começa se balançar com suas galhos. Então o menino subiu no caule da avó e começou a se balançar com suas galhos com uma galha e passou a tarde toda brincando na avó. Quando o menino chegou em casa a sua mãe disse filho eu sei a doença que você tem pela avó então disse que agente vai voltar a visitar no bosque e menino ficou muito alegre. Certo dia a sua mãe disse filho eu sei a doença que você tem pela avó que agente vai voltar no bosque então o menino saiu para a sua avó e começou a fazer suas malhas, quando chegaram no bosque o menino saiu para a avó e disse eu filho que não vou mais todas as tardes brincar com você, mas o tempo passou e o menino envelheceu e com o tempo o menino parou de visitar a avó. Certo dia...

Um dia o menino não apareceu a arvore ficou triste e sozinho, no outro dia o menino apareceu com a sua familia para fazer um piquenique com a sua familia debaixo da arvore a arvore ficou tão feliz que começou a ficar cheia de frutos e a cada fruta do menino e sua familia a arvore ficava com as folhas mais verdes e passou muito tempo e o menino não foi visitar a arvore um certo dia o menino apareceu só que ele não era como antes ele já era ~~velhinho~~ velhinho e disse desculpa arvore por não ter aparecido mais eu prometo que mesmo eu velhinho eu apareço para te visitar prometo te amo.

num dia ~~em~~ <sup>um</sup> menino não a-  
 parou a árvore ficou triste ma-  
 s no outro dia o menino o apare-  
 ceu e a árvore ficou tão feliz  
 que começou a se tremer e o  
 menino ficou com medo que a  
 árvore fosse embora e não quis-  
 se não viu mais lá muito feliz  
 sempre por isso lá no dia  
 seguinte a família do menino e ele  
 fizeram um Pequeno que de lá do dia  
 nunca ficaram muito felizes para  
 sempre. fim

É o momento volta para a  
casa, sua vida e sua mãe.  
Logo ~~se~~ vieram lhe abraçar  
e todos ficaram felizes. A amore  
ficou profundamente triste mas disse  
com saudades do menino mas sempre  
que ele podia a visitava e mantinha  
as saudades, a amore como amigo  
especialmente por todos se ele estivesse  
para ele

Não dia um menino não apareceu a árvore - ficou triste e sozinho. No outro dia um menino apareceu sozinho. A árvore perguntou a ele.

- Menino quem contou que você não vai me visitar? O menino respondeu.

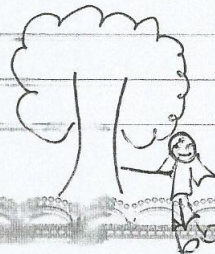
- Eu estava ocupado estava com minha família não podia vir.

A árvore ficou feliz e a árvore disse para o menino ir embora.

- Menino trouxe sua família para me visitar.

O menino ficou feliz com a ideia da árvore. Uma mulher jovem apareceu com seu filho sua esposa sua família e o rei também a árvore quando a árvore viu que o menino trouxe com sua família a árvore ficou muito feliz.

para fazer um brinquedo e a árvore ficou muito feliz

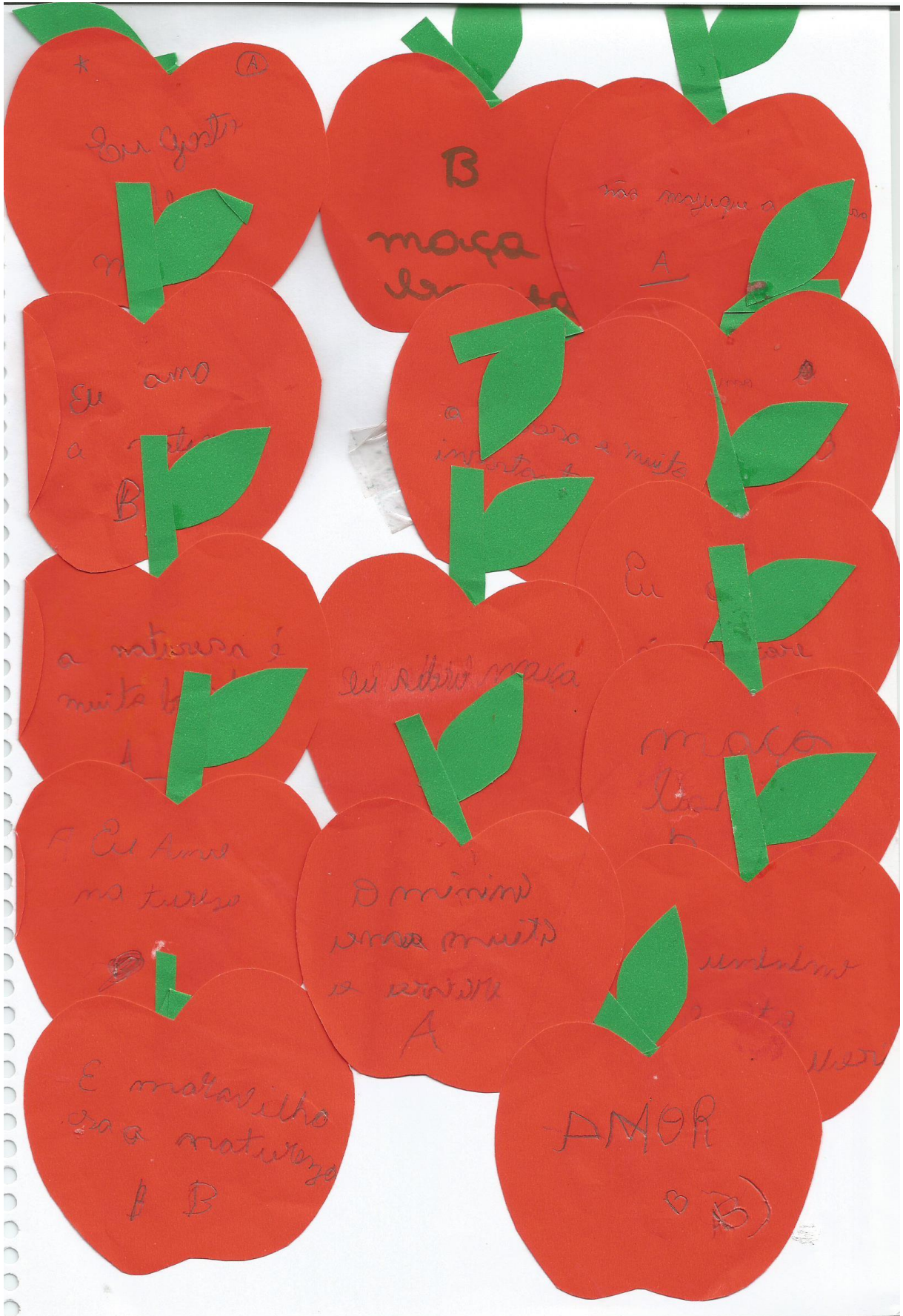


© Challenge Todos os direitos reservados.

CHALLENGERS

**ANEXO 2**

**ATIVIDADE DAS MAÇÃS**



\* (A)  
Eu gosto  
m

B  
maça  
de

meo masugue a  
A

Eu amo  
a  
B

a  
importante  
muito

B

a maturação é  
muito b  
A

Eu adoro maça

Eu  
maça

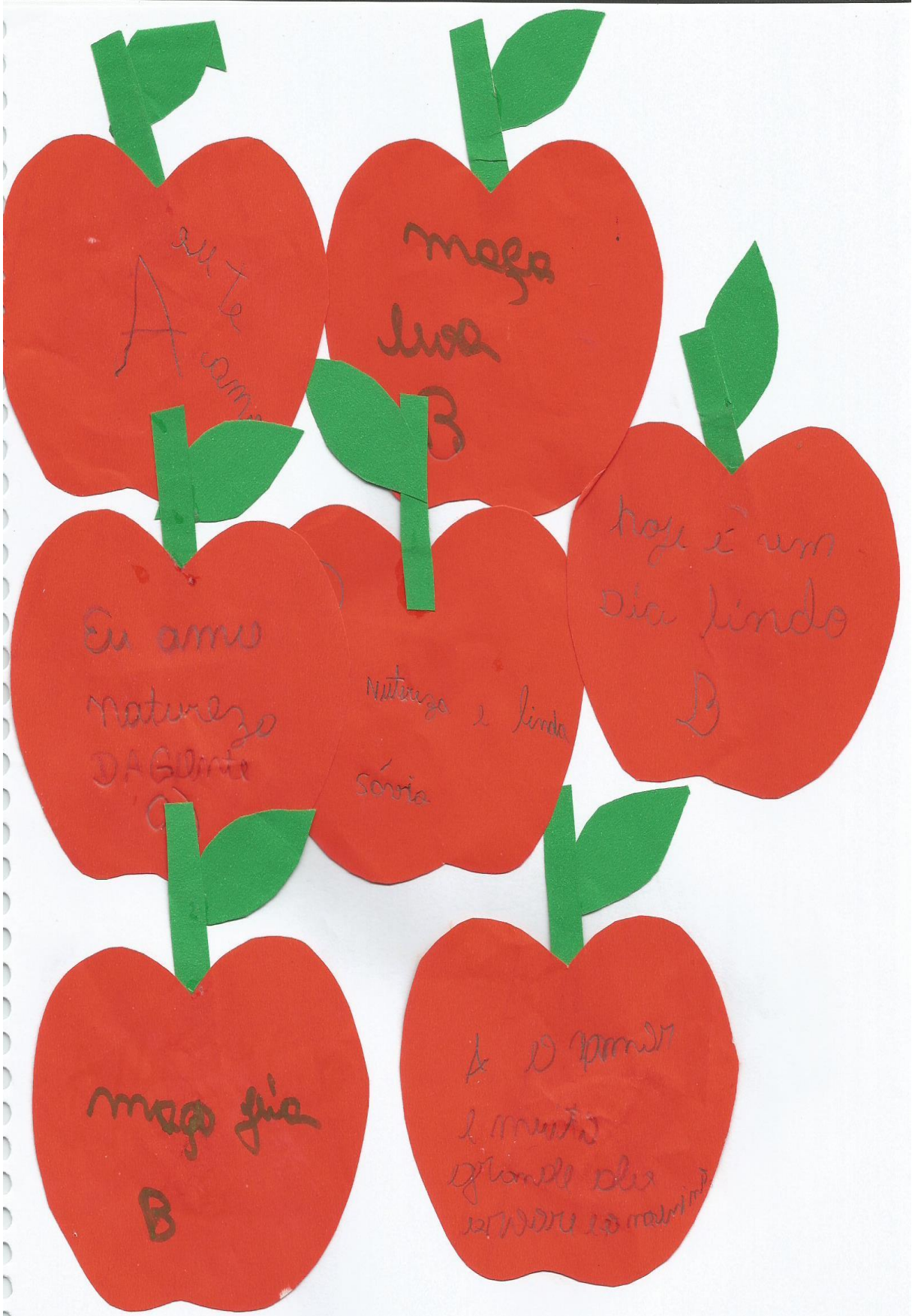
A Eu amo  
na tua  
A

Diminuiu  
muito  
a  
A

maça  
de  
A

E malavilho  
na maturação  
B B

AMOR  
B



**ANEXO 3**

**ATIVIDADE DOS DESENHOS**





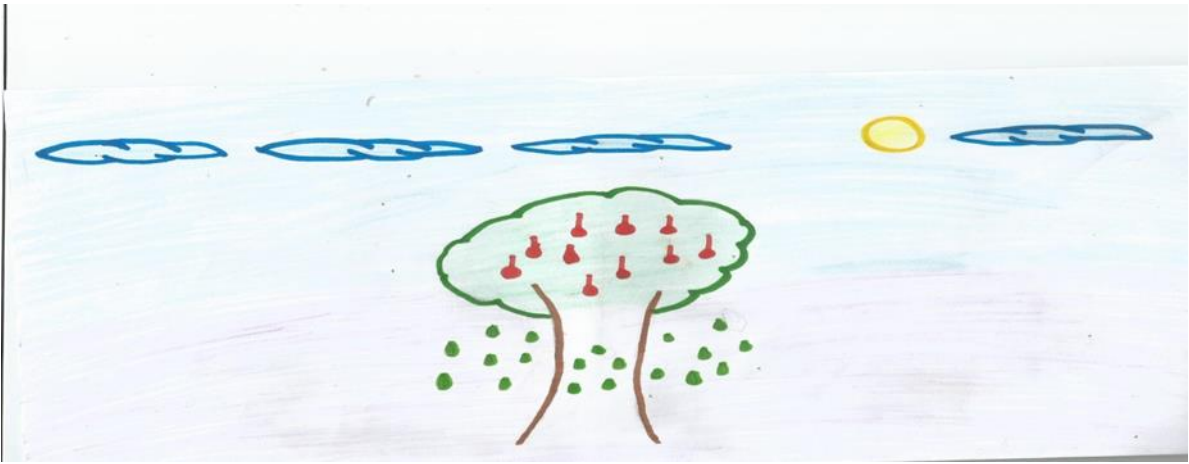






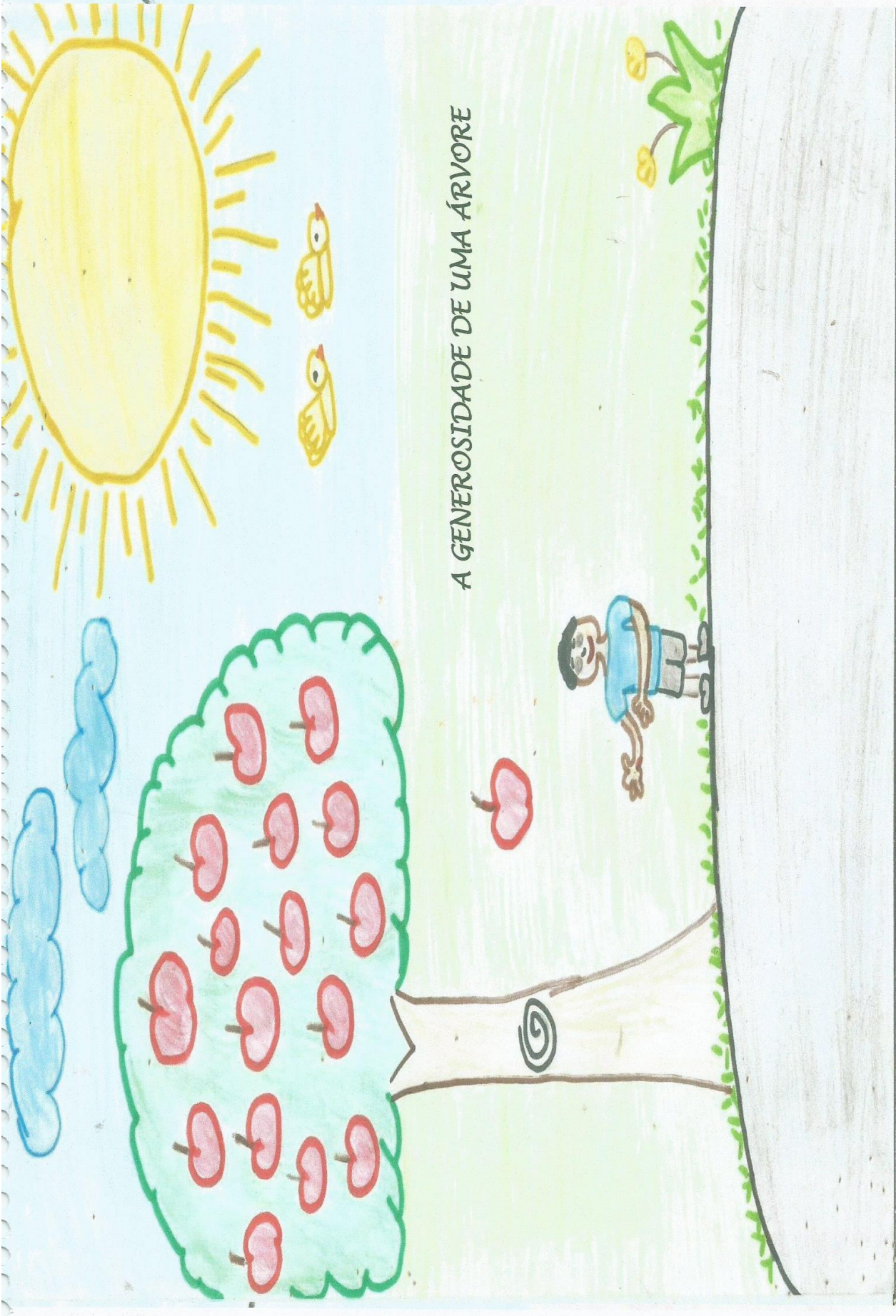




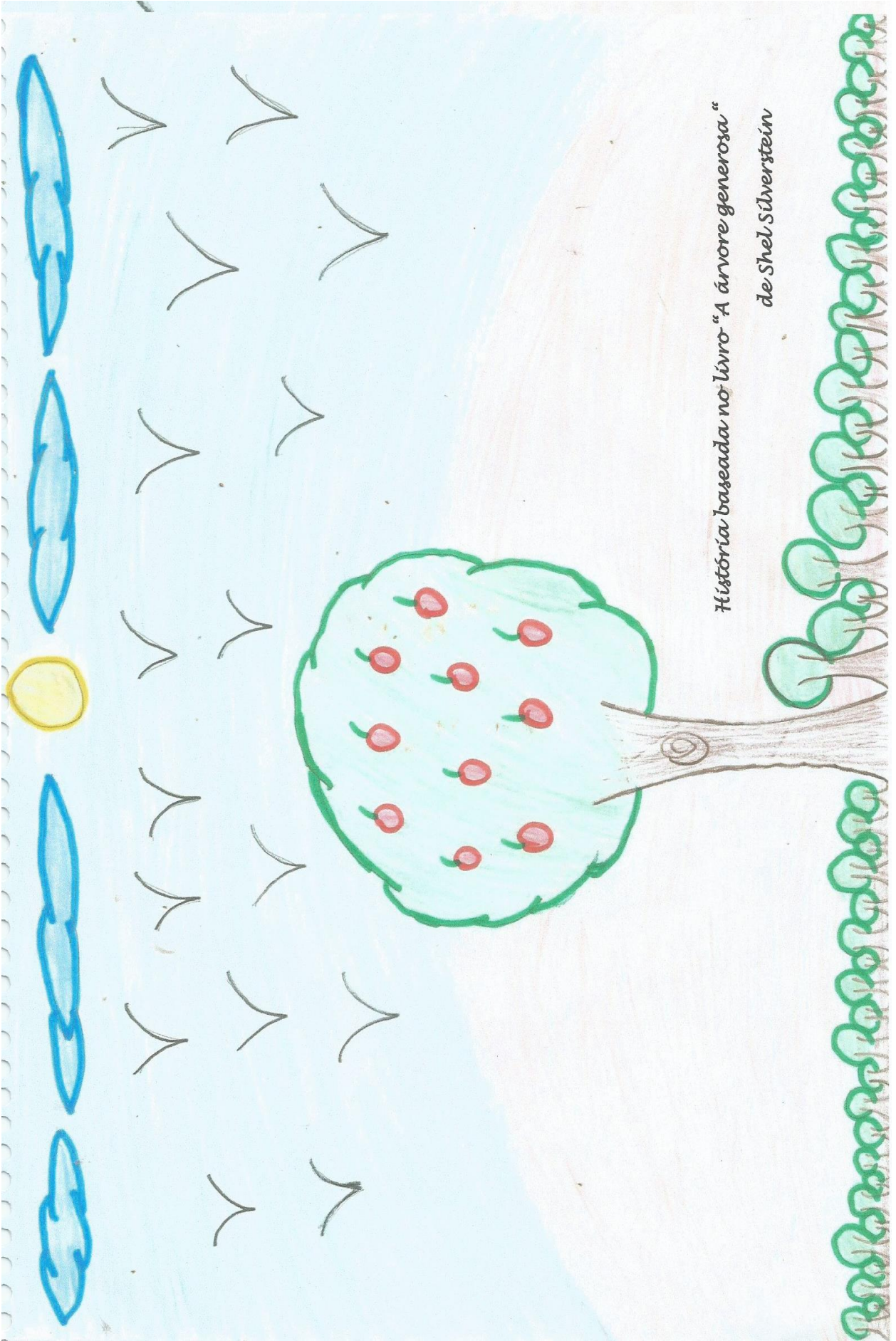


**ANEXO 4**

**LIVRO**



A GENEROSIDADE DE UMA ÁRVORE



História baseada no livro "A árvore generosa"

de Shel Silverstein

## APRESENTAÇÃO

Atualmente vivemos em um mundo globalizado, cercado por estímulos visuais, sonoros, sensoriais entre outros, nos deparamos com o surpreendente avanço tecnológico que interferem em nosso cotidiano, de forma significativa modificando rapidamente o meio em que vivemos e as relações sociais. Com tantos recursos tecnológicos e eletrônicos, a leitura precisa ser cada vez mais estimulada. Neste sentido, ler não pode mais ser compreendido apenas como o ato de decodificar signos, decifrando o que está escrito. O ato de ler pode e deve inserir o cidadão no mundo letrado e ainda habilitá-lo para o exercício permanente da cidadania. Não se pode mais negar à leitura, seus aspectos políticos e culturais.

A leitura é algo muito extenso, não deve ser considerada apenas como uma interpretação dos signos do alfabeto. Produz sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido.

O desenvolvimento da leitura e do ato de ler possibilita a cada indivíduo mudanças significativas que influenciam seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, social, entre outros.

Entende-se que, o ato da leitura é muito mais do que simplesmente decodificar as palavras. Atualmente ler é uma necessidade é participar ativamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o universo através das palavras, além do fato que, ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas ideias, experiências.

A leitura é uma atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova visão do mundo. Através de um livro, milhares de crianças podem descobrir um universo de aventuras, um mundo só seu, repleto de magia, que é concedido nas páginas de um livro. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos livros e a realidade encontrada em seu meio social.

Cada leitor ao fazer uma leitura, estabelece um contato direto com o texto, trazendo para o seu objeto de leitura as suas experiências pessoais, suas ideologias, seus conceitos, é isto que faz o ato de ler tão importante. O leitor se tornará um coautor do texto, deixando suas características e impressões.

São várias as qualidades despertadas pelo hábito da leitura nas crianças, devemos motivá-las, para que descubram as diversas e diferentes razões para lermos.

# A Árvore Generosa

(Shel Silverstein)

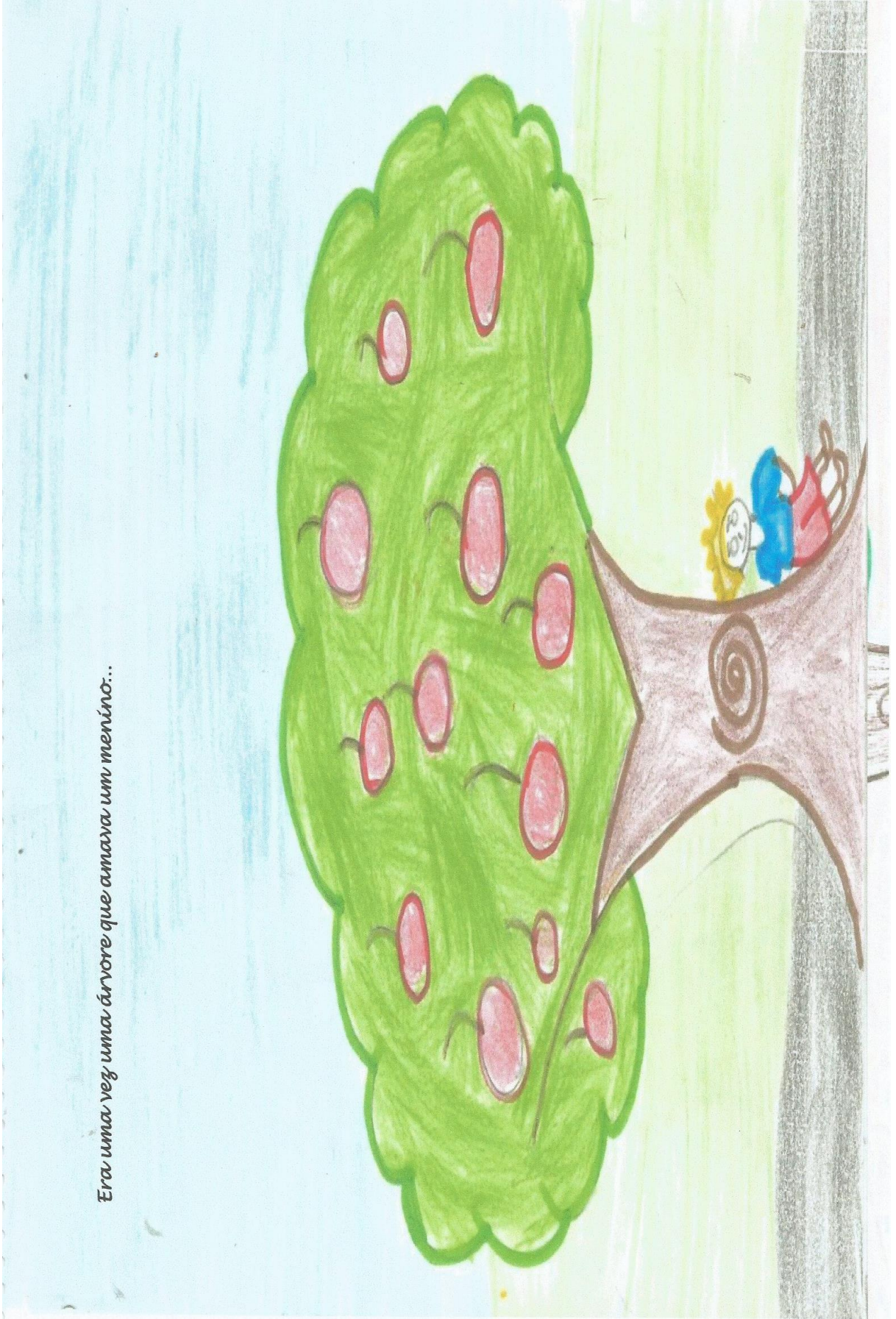


Era uma vez uma árvore ...

... que amava um menino.

E todos os dias o menino vinha, ...

*Era uma vez uma árvore que amava um menino...*



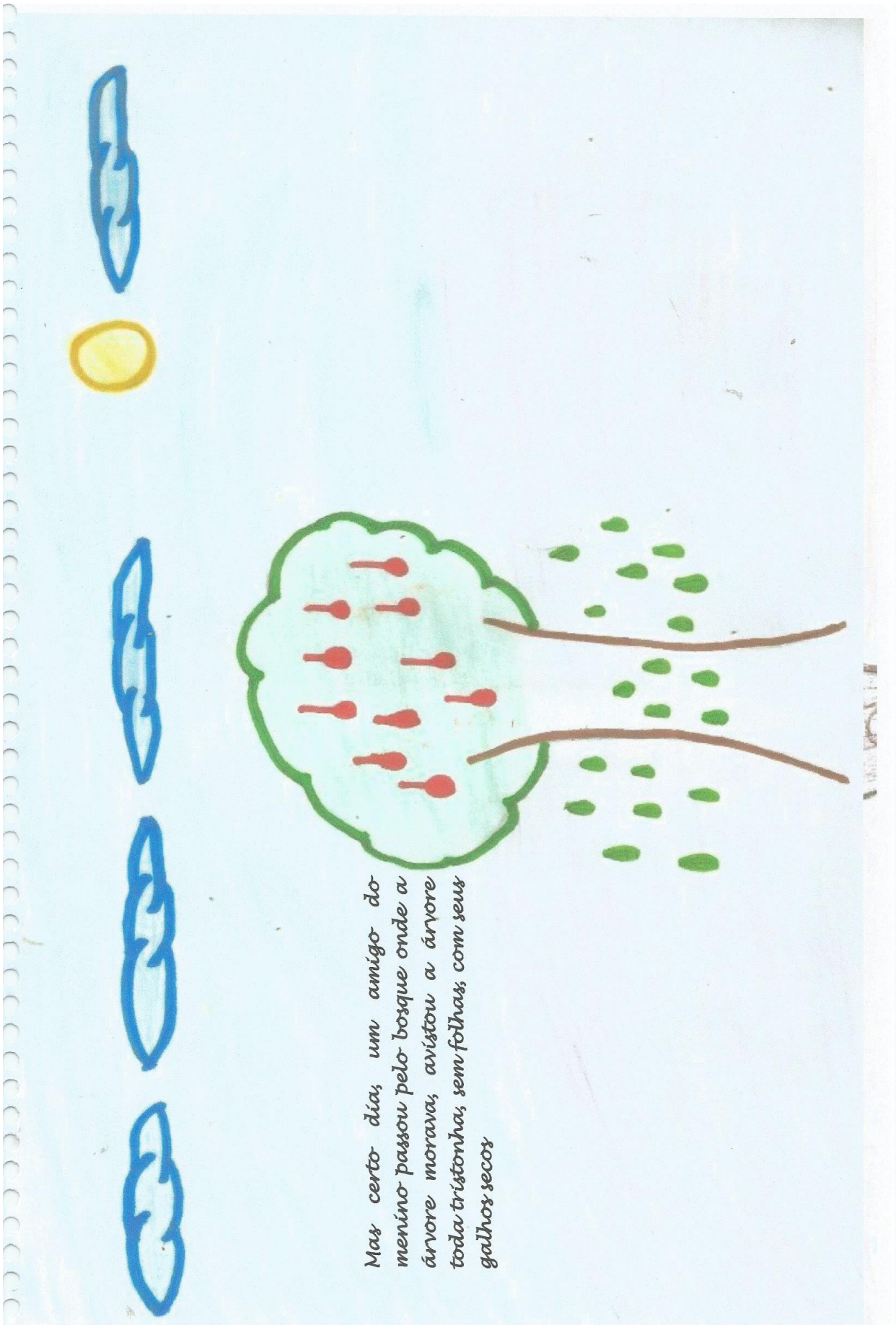


E todos os dias o menino vinha  
visitar a árvore, e passava  
horas brincando

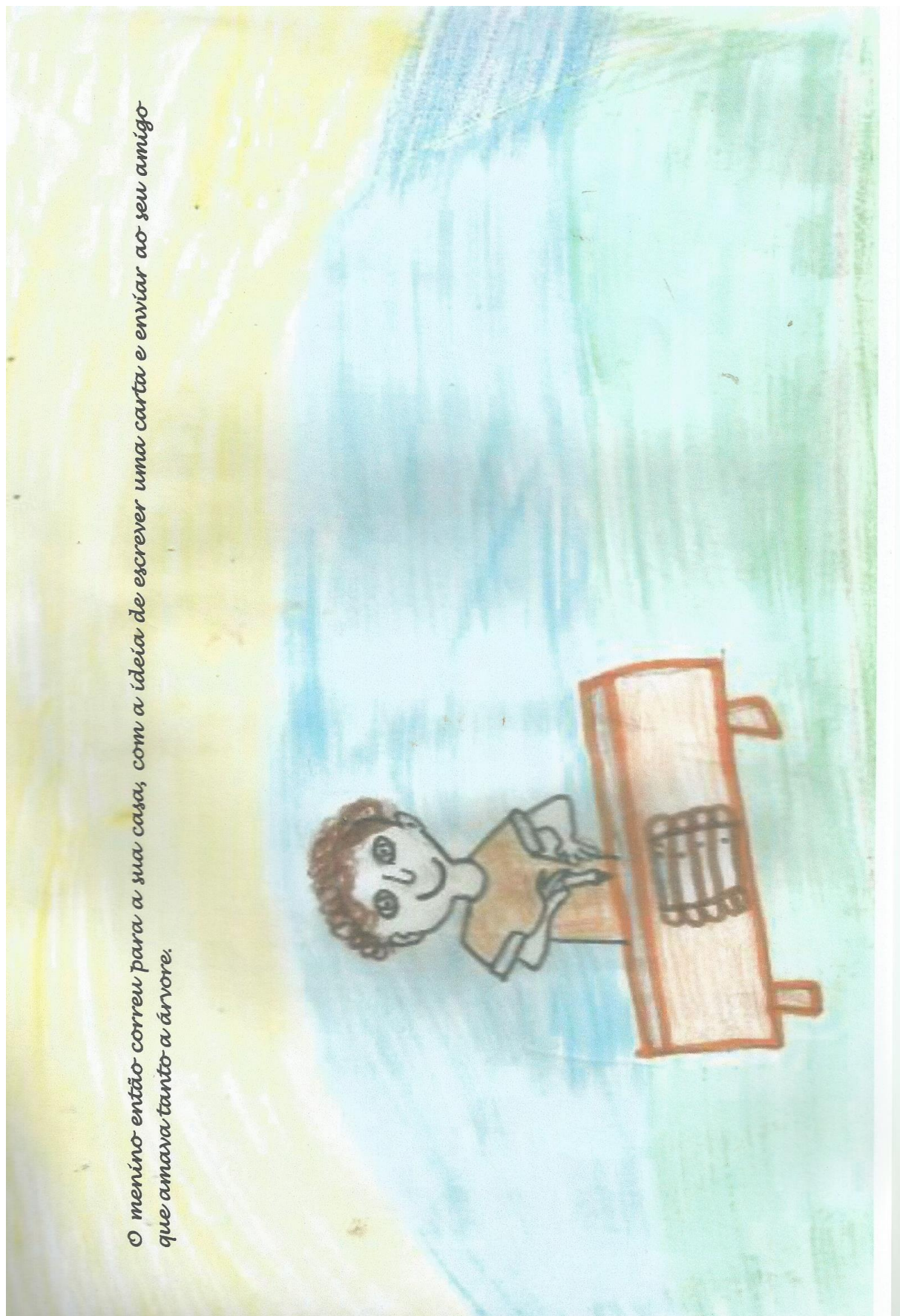




A árvore ficou tão triste que suas folhas começaram a cair...



O menino então correu para a sua casa, com a ideia de escrever uma carta e enviar ao seu amigo que amava tanto a árvore.





Quando a notícia chegou através da carta, o menino ficou tão triste que não queria comer mais nada.

Ele resolveu então visitar a árvore, mas o lugar era muito longe.

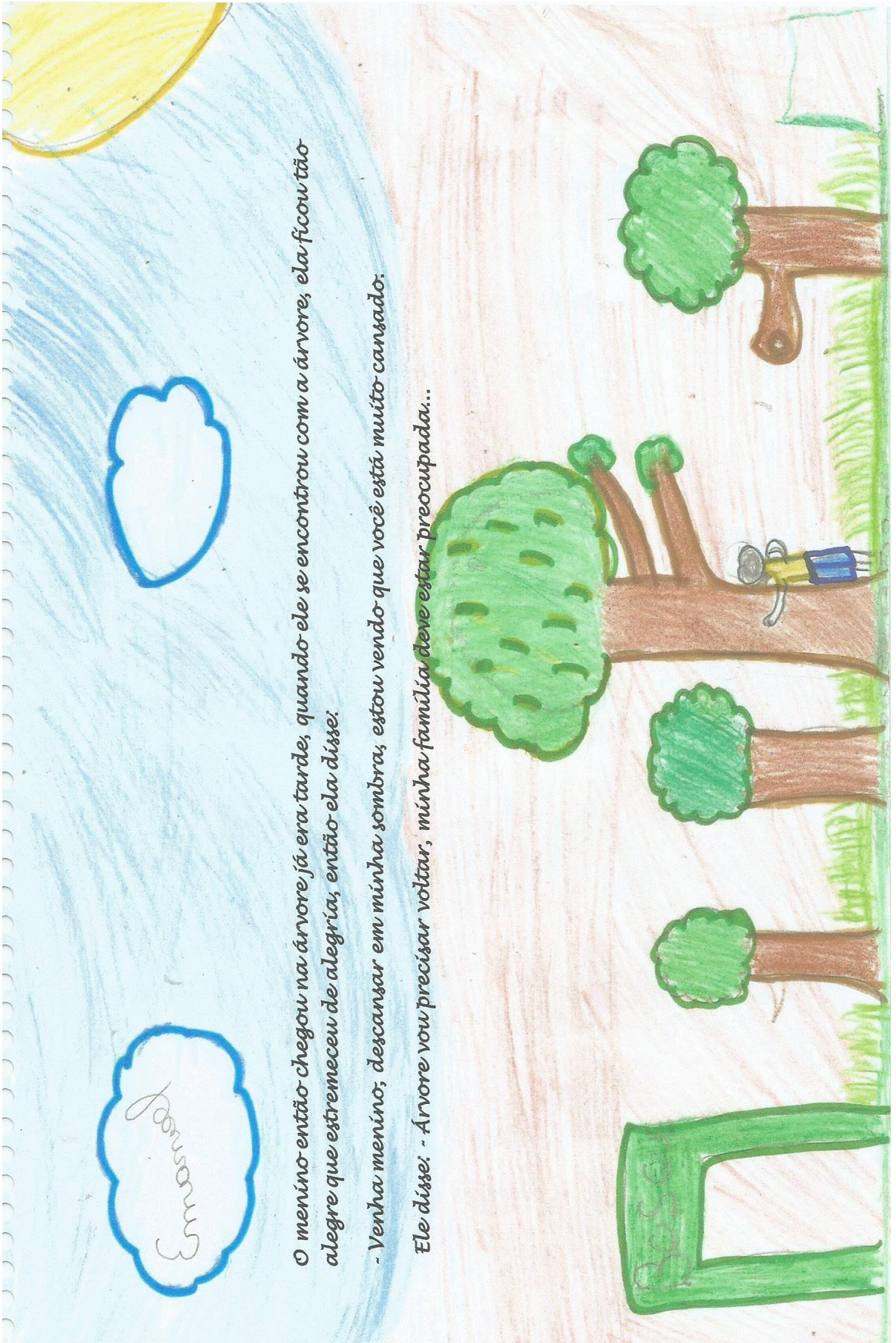


Mãe, naquela mesma manhã avó Zélia notou a falta de seu neto e disse:

-Cadê o menino-filha?

E sua filha respondeu: Não sei. Cadê ele? Então a mãe começou a chorar. E Juntas ela e avó Zélia foram procurar o menino

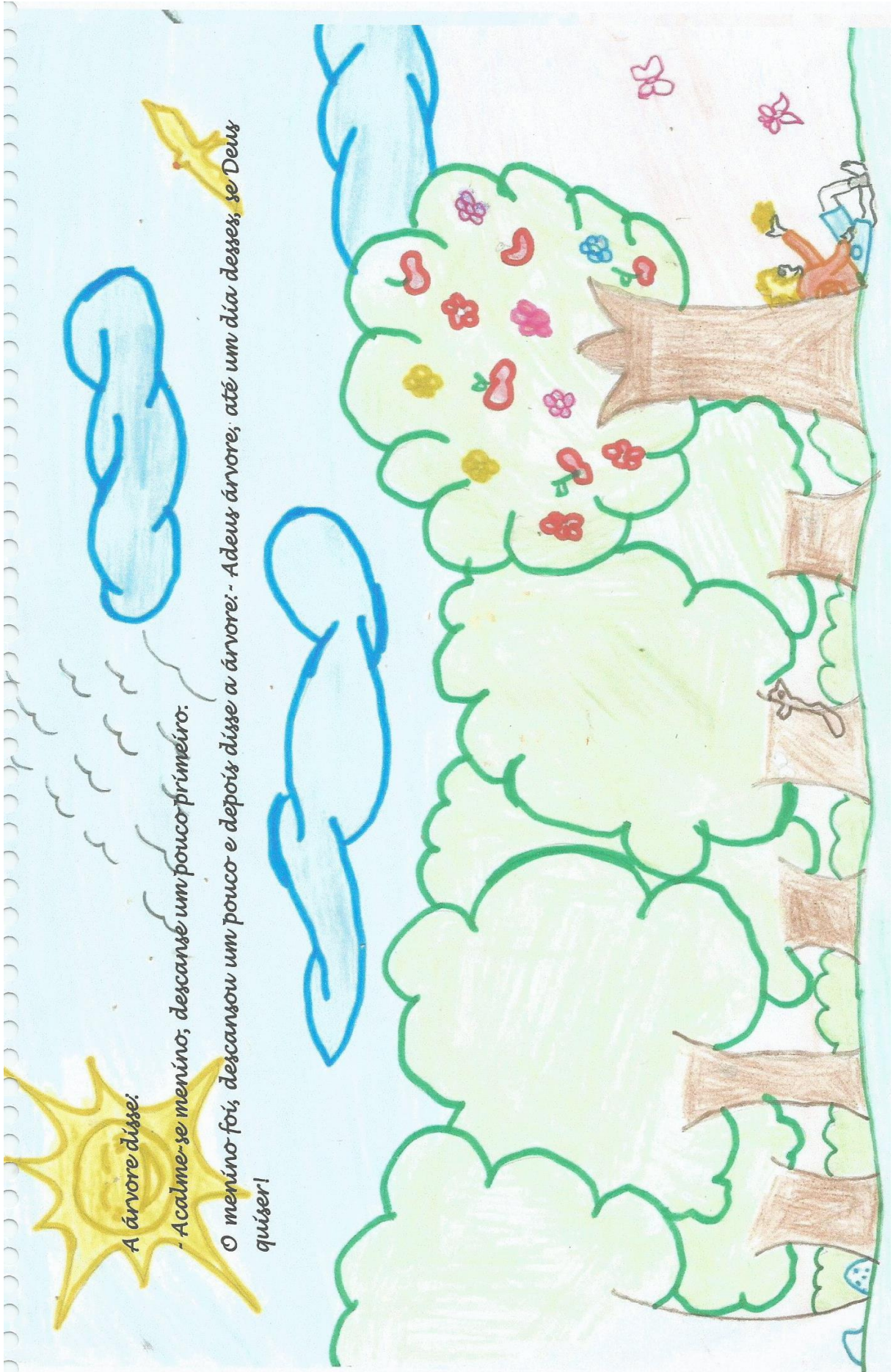
Procurar o menino



O menino então chegou na árvore já era tarde, quando ele se encontrou com a árvore, ela ficou tão alegre que estremeceu de alegria, então ela disse:

- Venha menino; descansar em minha sombra, estou vendo que você está muito cansado.

Ele disse: - Árvore vou precisar voltar, minha família deve estar preocupada...



A árvore disse:

- Acalme-se menino; descansar um pouco primeiro.

O menino foi; descansou um pouco e depois disse a árvore: - Adeus árvore; até um dia desses, se Deus quiser!

O menino voltou para casa, e no caminho encontrou sua mãe, que lhe deu um forte abraço e um beijo:

Quando o menino chegou em casa, sua mãe e sua avó ficaram perguntando onde ele estava, o menino respondeu:

Eu estava visitando uma árvore que eu gosto muito:

E sua mãe lhe perguntou: - Onde fica essa árvore que você gosta muito?

Ele respondeu: - Fica em um bosque distante daqui.

Sua mãe lhe respondeu:

Nunca mas faça isso meu filho, você nos assustou muito.



Então o menino disse: - Mãe eu posso ir lá outra vez?

Sua mãe lhe disse: - Pode filho, mas eu irei levá-lo até lá.

O tempo passou, e certo dia o menino foi visitar a árvore acompanhado por sua mãe. Quando chegaram lá, encontraram a árvore cheia de frutos e suas folhas estavam muito verdes.

Quando o menino se aproximou da árvore, ela ficou tão alegre e disse: - Venha comer minhas frutas menino; balançar-se nos meu galhos. O menino depressa subiu no tronco da árvore, balançou-se em seus galhos e comeu de suas frutas. Passou o dia todo brincando na árvore.

Mãe eu posso ir lá outra vez -  
Pode filho, mas eu irei levá-lo até lá.



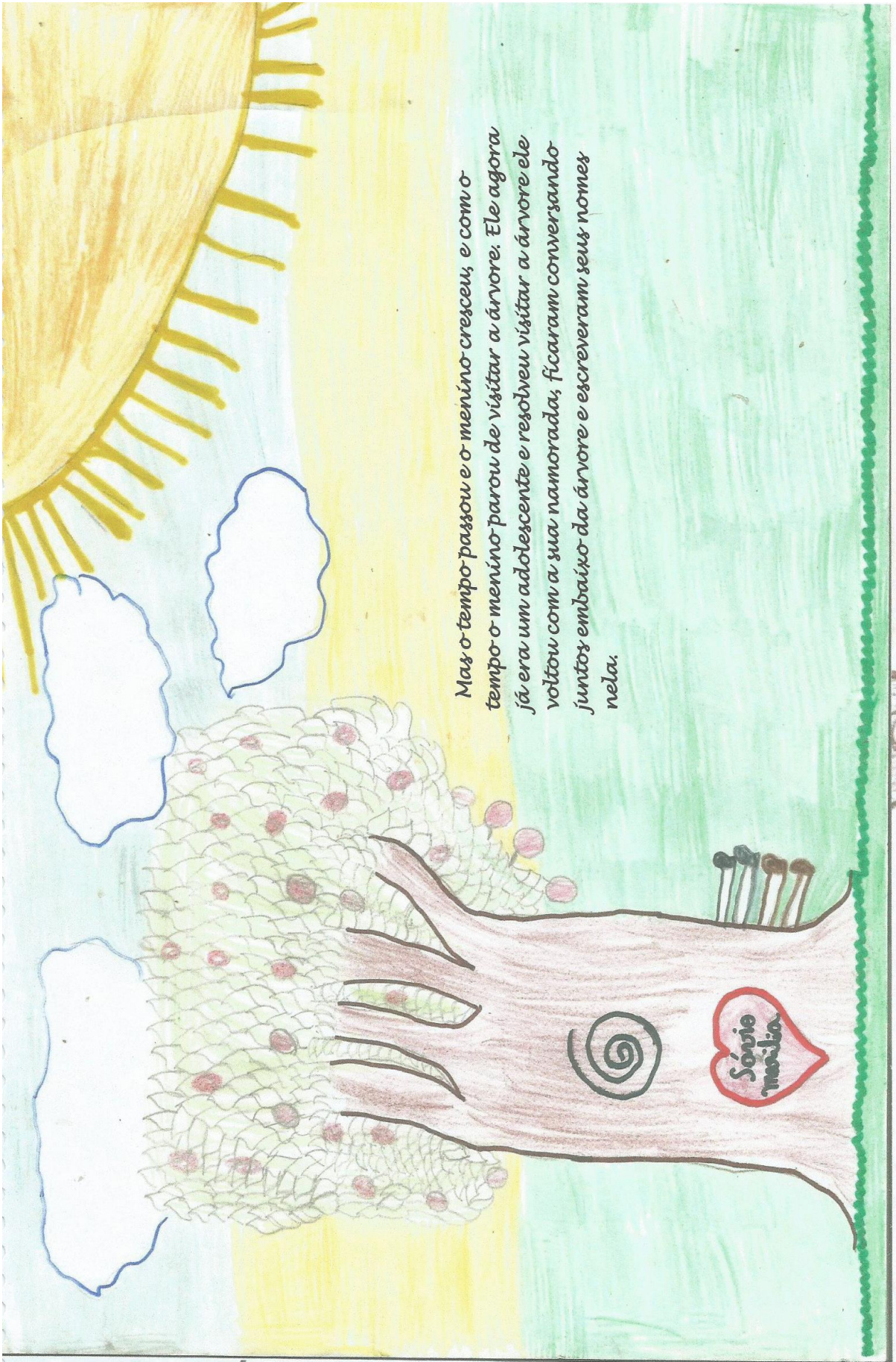
Quando chegaram em casa, sua mãe lhe disse: -  
Filho eu vi o amor que você tem pela árvore,  
então decidi que iremos voltar a morar  
próximo ao bosque. O menino ficou tão alegre.

Certa manhã a sua mãe disse, -  
filho vá arrumar as suas malas  
que hoje vamos morar perto do  
bosque, então o menino correu  
para o seu quarto e começou a  
fazer suas malas.

Quando chegaram no bosque, o  
menino logo correu para a  
árvore, e disse: - Eu juro que virei  
todas as tardes brincar com você,  
a árvore era sua amiga  
confidente pois todos os seus  
segredos ele contava pra ela.



Mas o tempo passou e o menino cresceu, e com o tempo o menino parou de visitar a árvore. Ele agora já era um adolescente e resolveu visitar a árvore ele voltou com a sua namorada, ficaram conversando juntos embaixo da árvore e escreveram seus nomes nela.

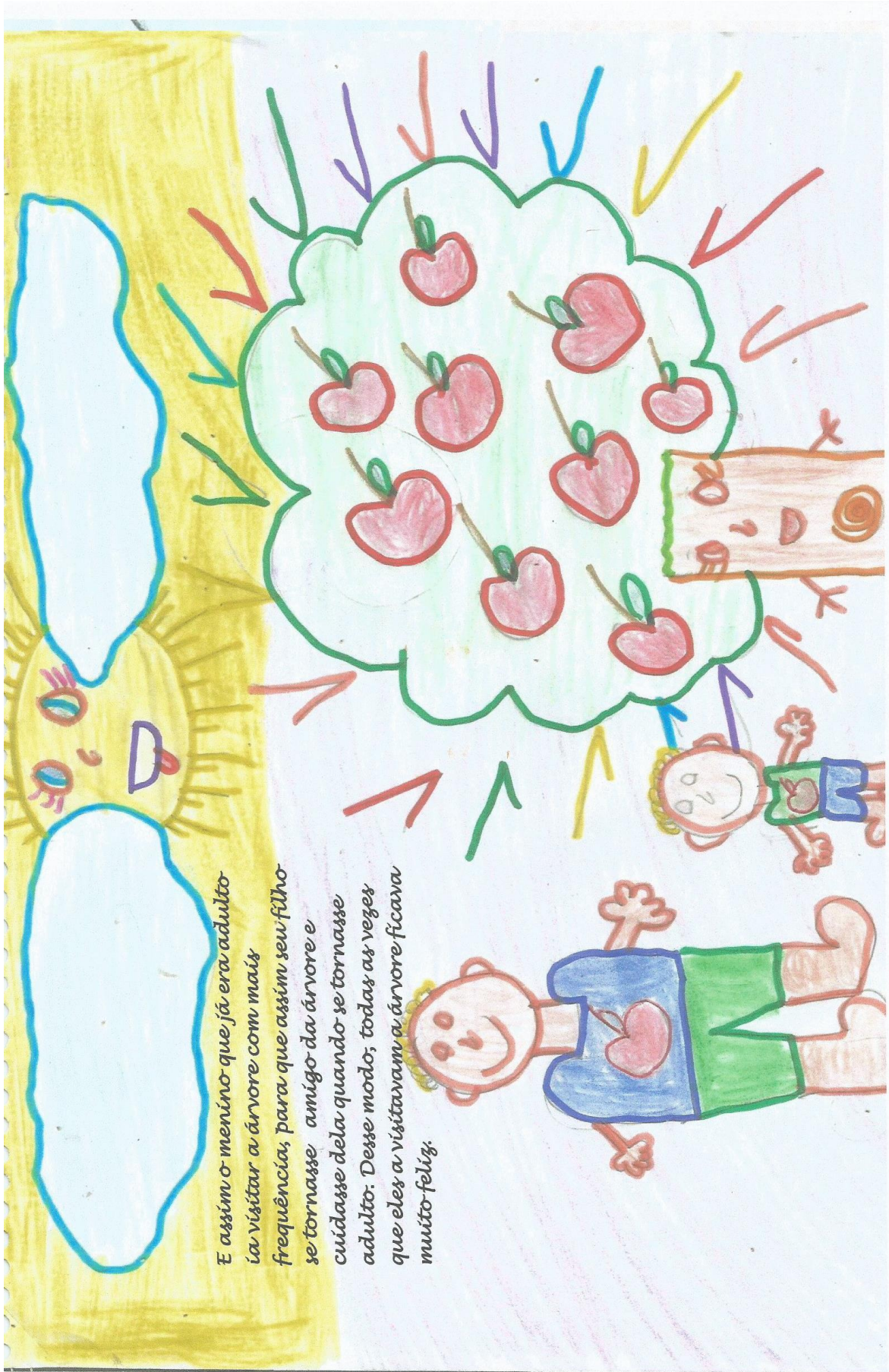




*Passou o tempo e o menino, já adulto voltou a visitar a árvore com sua esposa e seu filho pequeno e disse:*

*- Meu filho quando eu era criança vinha visitar essa árvore todos os dias, subia no seu tronco e me balançava nos seus galhos, também comia seus frutos.*





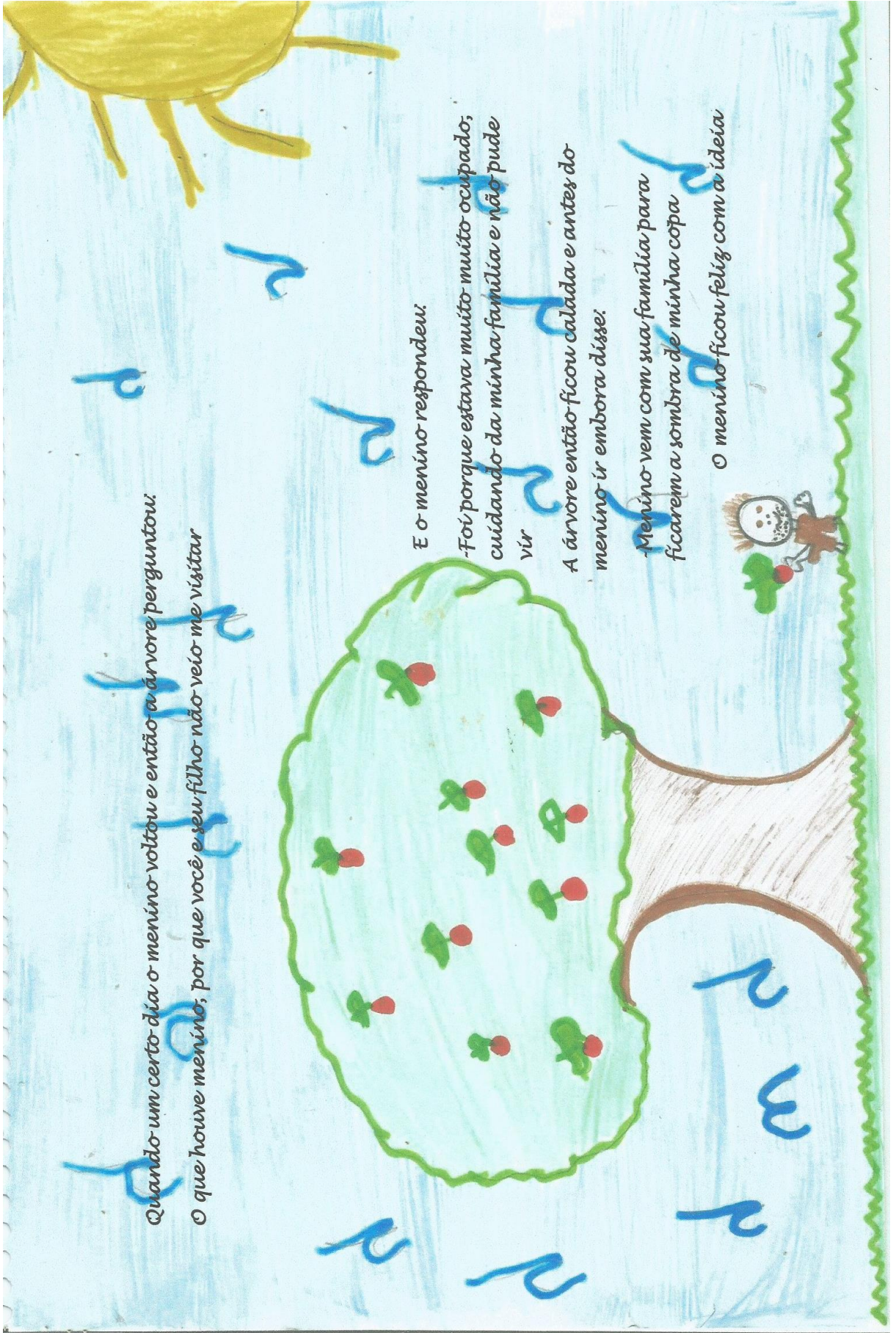
Quando um certo dia o menino voltou e então a árvore perguntou:  
 O que houve menino, por que você e seu filho não veio me visitar

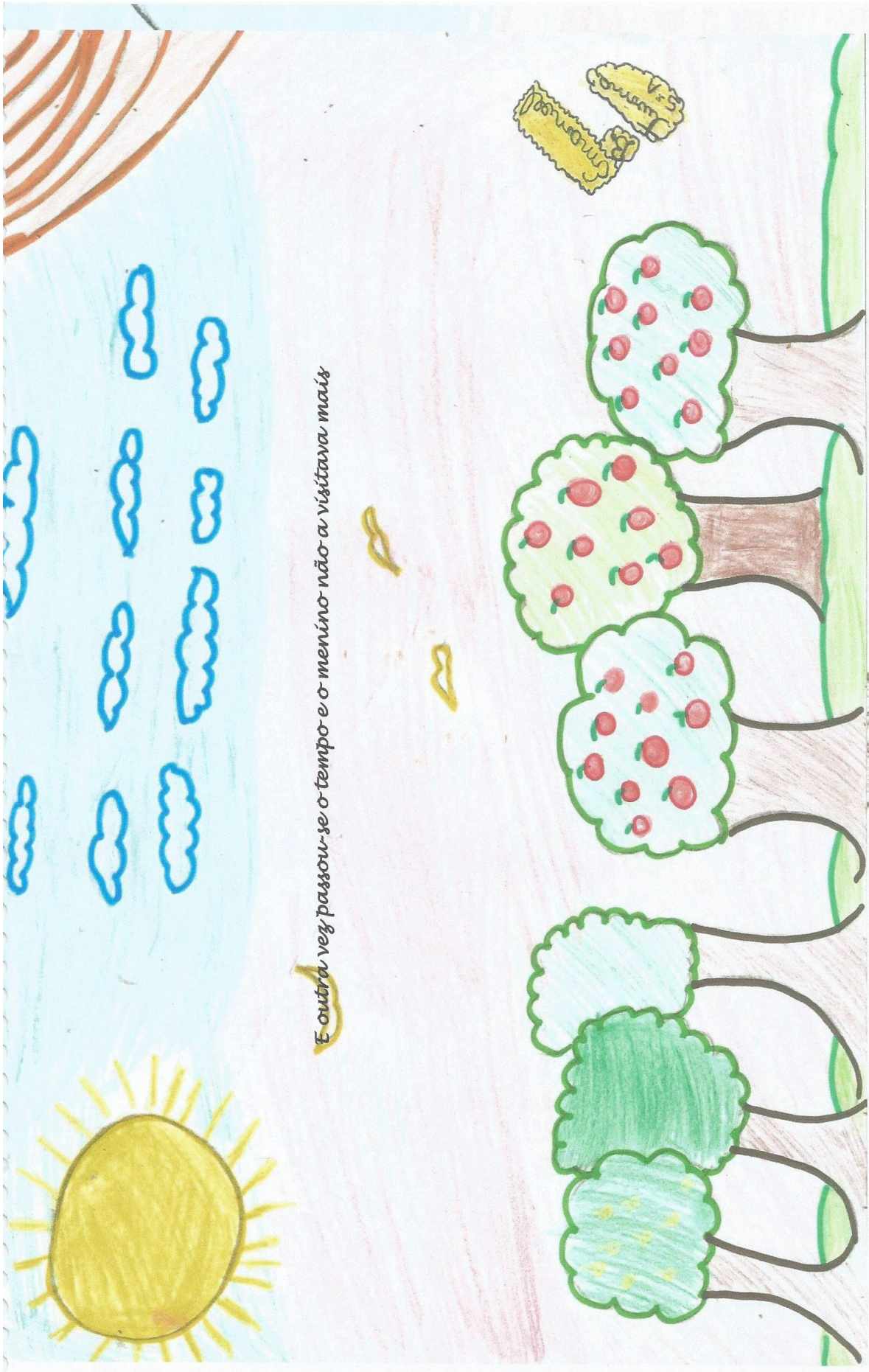
E o menino respondeu:

-Foi porque estava muito muito ocupado;  
 cuidando da minha família e não pude  
 vir

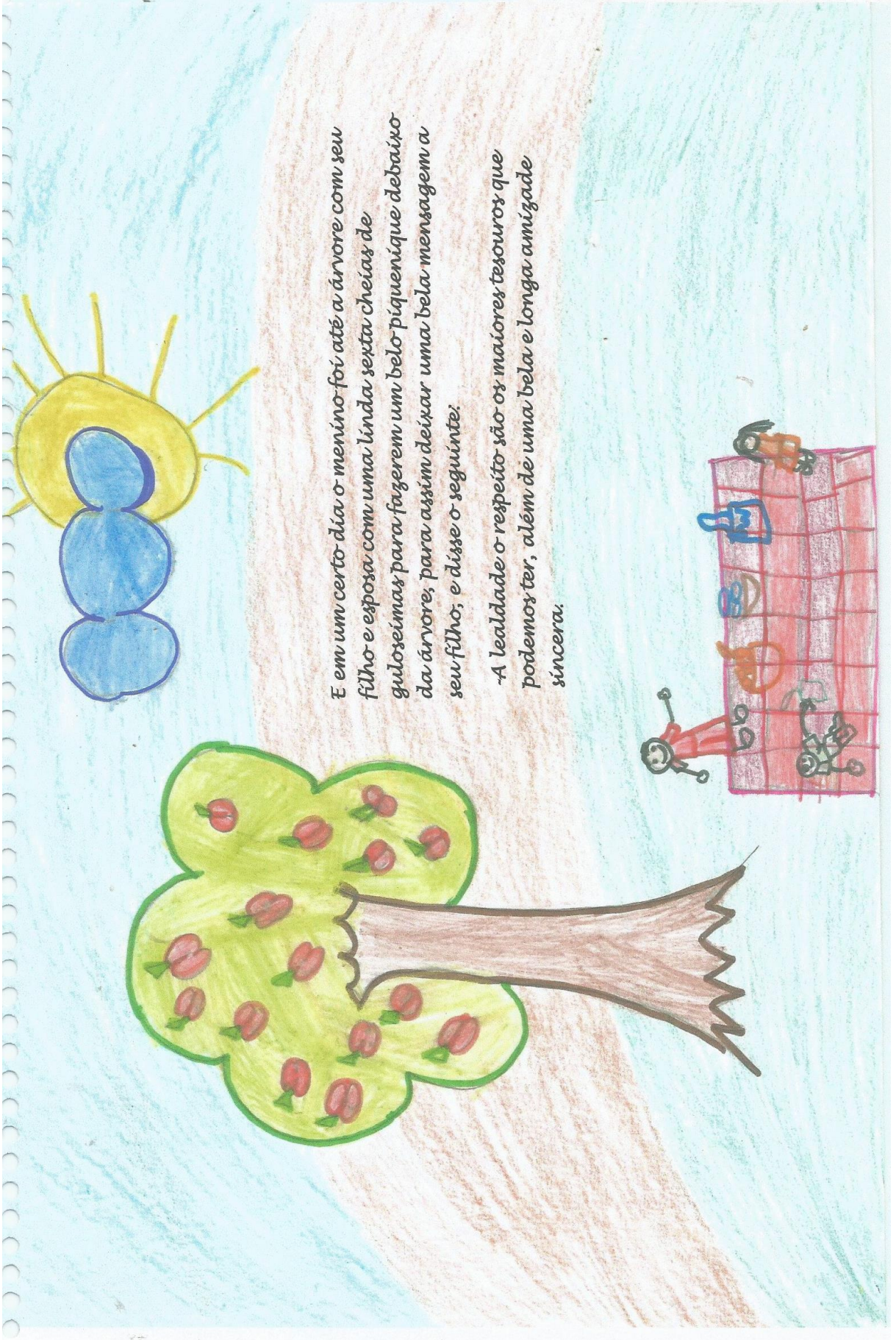
A árvore então ficou calada e antes do  
 menino ir embora disse:

-Menino vem com sua família para  
 ficarem a sombra de minha copa  
 O menino ficou feliz com a ideia



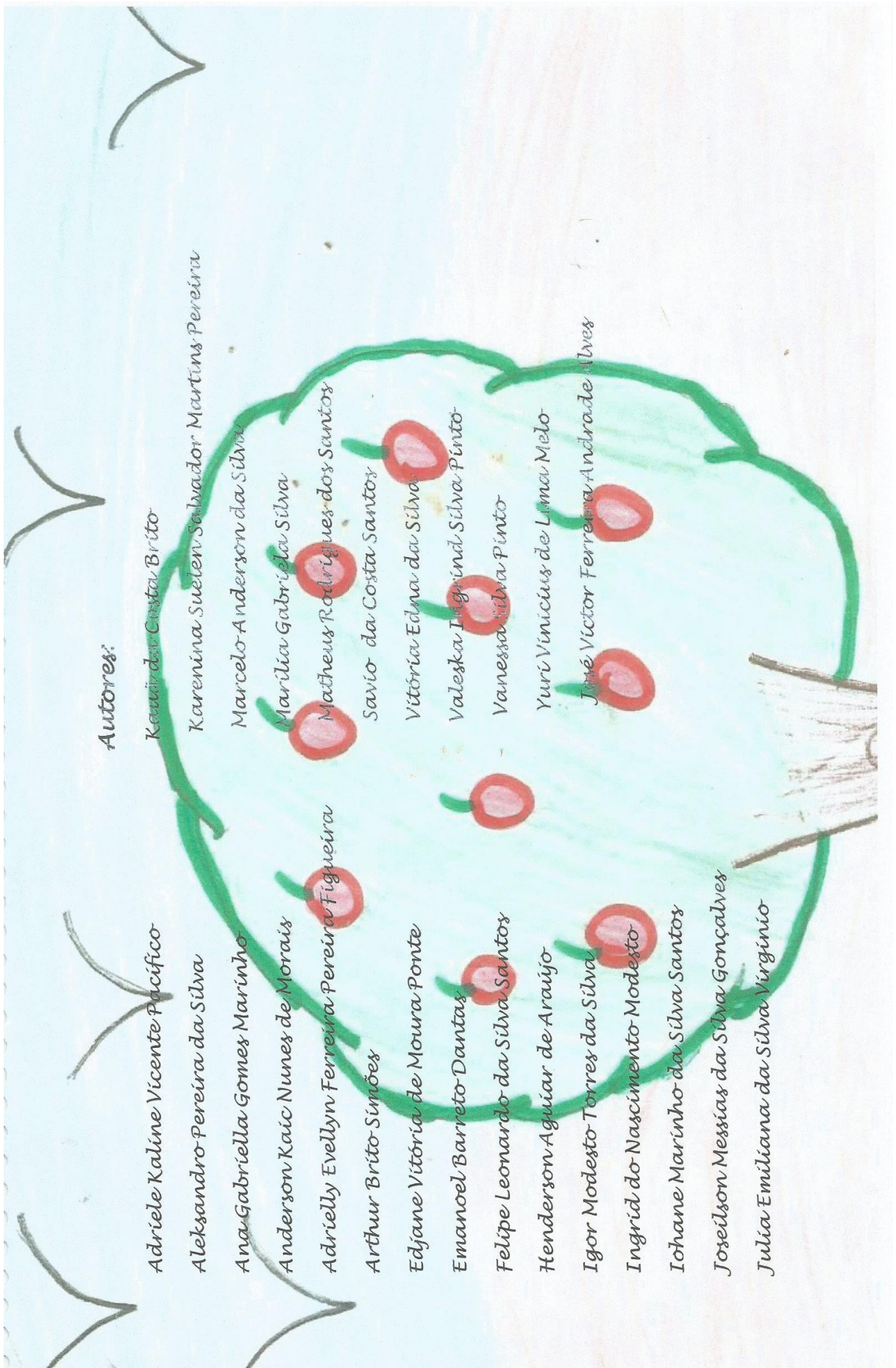


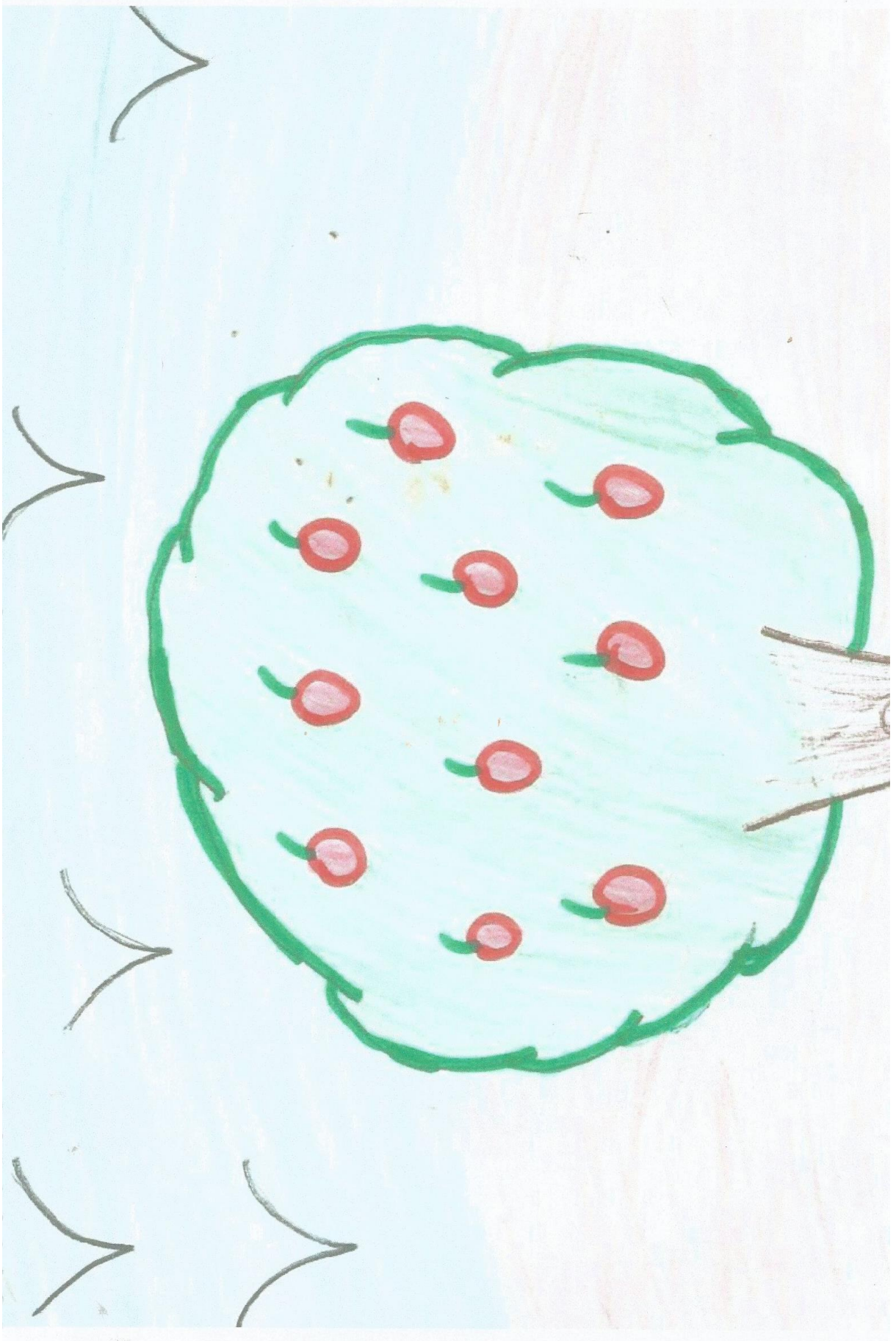
E outra vez passou-se o tempo e o menino não a visitava mais



*E em um certo dia o menino foi até a árvore com seu filho e esposa com uma linda sexta cheias de guloseimas para fazerem um belo piquenique debaixo da árvore, para assim deixar uma bela mensagem a seu filho, e disse o seguinte:*

*-A lealdade e respeito são os maiores tesouros que podemos ter, além de uma bela e longa amizade sincera.*





**ANEXO 5**

**CERTIFICADO**

# Certificado de leitor

O Projeto de Leitura "Quem conta um conto aumenta um ponto" realizado na Escola Luiz Vaz de Camões agradece

Aluno do 5º ano; da turma A, manhã, por ter participado do referente projeto desenvolvido por estagiárias da UFPB.

Parabéns pelo bom desempenho, esforço e dedicação.

16 de novembro de 2015

